

Projeto Saberes em Diálogo  
Relatório Final Completo



UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA

Projeto “Saberes em diálogo: comunidade, escola e universidade na construção da educação quilombola no Município de Barra do Turvo-SP”

Relatório de Atividades - Período 15 de janeiro 2019/15 outubro de 2020

Coordenadora: Profa. Dra. Valeria de Marcos – DG FFLCH USP

São Paulo/outubro 2020



Projeto Saberes em Diálogo  
Relatório Final Completo

<b>SUMÁRIO</b>		
<b>1.</b>	Introdução .....	03
<b>2.</b>	Descrição das atividades .....	03
<b>2.1</b>	Atuação no território anterior ao projeto .....	03
<b>2.2</b>	Atividades de gestão .....	05
<b>2.3</b>	Grupo de estudo .....	06
<b>2.4</b>	Reuniões com equipe Gestora das escolas estaduais, Secretaria Municipal de Educação e Diretoria de Ensino de Barra do Turvo-SP e com equipe da Diretoria Regional de Ensino de Registro-SP .....	07
<b>2.5</b>	Reuniões com Representantes das Comunidades .....	09
<b>2.6</b>	Atividades com Professores da Rede Municipal .....	10

## 1. INTRODUÇÃO

O presente relatório trata das atividades realizadas pelo projeto ***“Saberes em diálogo: comunidade, escola e universidade na construção da educação quilombola no município de Barra do Turvo-SP”*** no período de 15 de janeiro de 2019 a 15 de outubro de 2020.

As atividades serão divididas em quatro blocos, a saber: (1) Atividades que antecederam o início do Projeto; (2) Atividades de Gestão; (3) Grupos de Estudo; (4) Reuniões com equipe Gestora das escolas de Barra do Turvo; (5) Reuniões com Representantes das Comunidades; (6) Atividades com Professores da Rede Municipal; (7) Seminário Comunidades Quilombolas do Vale do Ribeira; (8) Oficinas com estudantes e professores da Rede Municipal; (9) Apresentações do Projeto em Eventos Científicos; (10) Avaliação dos Resultados Alcançados em 2019 com professores da rede municipal; (11) Planejamento e reprogramação das atividades devido à pandemia Covid-19; (12) Participação na reunião com a PRG e ampliação da equipe; (13) Preparo do curso de formação continuada a ser oferecido aos professores; (14) Submissão do Projeto ao Edital 02/2020; (15) Considerações finais sobre os resultados alcançados, pontos que precisam ser melhorados e estratégias para o próximo período. Ao final, como anexo, serão inseridos os materiais produzidos para as respectivas atividades.

## 2. DESCRIÇÃO DAS ATIVIDADES

### 2.1 Atividades que antecederam o início do projeto

Muito embora as atividades relativas ao presente relatório se refiram ao período 15 de janeiro 2019/15 de outubro 2020, algumas atividades que antecederam seu início merecem ser destacadas pela importância que tiveram para sua execução.

A primeira atividade do projeto foi a reunião com a equipe gestora das escolas estaduais e com a Secretária e Diretora de Ensino do Município de Barra do Turvo-SP, de modo a afinar as ações no território. A reunião ocorreu no dia 19 de novembro de 2018 e contou com a presença da Secretária Municipal de Educação, da Diretora de Ensino do Município, do Diretor da Escola Estadual Luiz Darly e do Chefe de Gabinete da Prefeitura Municipal. Na ocasião apresentamos a proposta aprovada no Edital, construída coletivamente, a qual foi integralmente aceita pelos presentes. Além da plena aprovação das atividades propostas, recebemos o convite para integrar a feira de ciências da Escola Luiz Darly que ocorreria nos dias 30 de novembro e 01 de dezembro de 2018, atividade que foi vista pelo Diretor da Escola Luiz Darly como uma forma de sensibilização dos professores e estudantes das escolas estaduais para a temática das comunidades quilombolas no município. Aceitamos o convite e participamos da feira apresentando os resultados do projeto ***“Mostra Modo de Vida e Cultura Quilombola”***, da qual trataremos mais à frente.

A segunda atividade foi a ***cerimônia de abertura oficial do Projeto junto à Câmara de Vereadores da Prefeitura Municipal de Barra do Turvo-SP***, realizada no dia 19 de novembro de 2018, contando com a presença do Prefeito e Primeira Dama, Secretária Municipal da Educação, Chefe de Gabinete, Diretores das Escolas Estaduais Rio Vermelho e Luis Darly e representantes das comunidades quilombolas. Na ocasião, foi feita uma apresentação intitulada ***Cultura Afrodescendente e Comunidades Quilombolas em Barra do Turvo-SP***, em ocasião do Dia da

Projeto Saberes em Diálogo  
Relatório Final Completo

Consciência Negra, a qual foi concluída com a apresentação do projeto e das atividades que seriam realizadas durante os anos de 2019/2020. A atividade foi dirigida aos professores e diretores das redes municipal e estadual de ensino e autoridades locais. A apresentação foi feita por mim e pela Dra. Laura de Biase, minha supervisionada de Pós-Doc à época, que desenvolvia sua pesquisa sobre infância quilombola e contribuiu ativamente na proposição do projeto Saberes em Diálogo.

A terceira delas diz respeito à **reunião convocada pela Pró-Reitoria de Graduação com os Coordenadores dos Projetos aprovados no âmbito do Edital Aprender na Comunidade 2018**, ocorrida no dia 22 de novembro de 2018 na Sala do Conselho Universitário, Prédio da atual Reitoria. Na reunião nos foram apresentados os objetivos do Edital e feitos esclarecimentos sobre o funcionamento e forma de uso do orçamento. Entre as várias atividades propostas merece destaque o objetivo de criar um site com todos os projetos aprovados com vistas a proporcionar uma maior integração entre eles.

A quarta atividade diz respeito à **Mostra Cultural “Modo de vida e cultura quilombola”**, realizada nos dias 30 de novembro e 01 de dezembro de 2018 na Escola Estadual Luiz Darly, localizada no centro da cidade de Barra do Turvo-SP. A atividade foi composta por uma mostra fotográfica e de instrumentos de trabalho e artesanato do projeto “*Mostra Modo de Vida e Cultura Quilombola: percursos pedagógicos*” e marcou o encerramento do projeto anterior e a abertura do projeto “**Saberes em diálogo: comunidade, escola e universidade na construção da educação quilombola no município de Barra do Turvo-SP**”. O objetivo foi o de sensibilização de alunos e professores da rede pública sobre a temática da educação quilombola. O espaço foi cedido pela Direção da escola e se integrou com a Feira de Ciências e I Mostra Quilombola organizada pela professora de Geografia do ensino fundamental II e médio da escola estadual Luis Darly, marcando o encerramento do ano letivo de 2018. Membros das comunidades levaram alguns de seus instrumentos de uso pessoal para compor a mostra e, ao final da atividade no dia 30 de novembro, foi feita uma fala de membros da comunidade sobre a importância da construção coletiva da educação quilombola. Foi também preparada uma paçoca de amendoim pilada pelos membros das comunidades e estudantes ali presentes e compartilhada com todos no final da atividade. Ao longo do dia foi possível verificar e interagir com vários estudantes se reconhecendo ou se identificando com as fotos expostas. Vale destacar que o projeto em vigência teve sua origem no projeto “**Mostra Modo de Vida e Cultura Quilombola**” cujo objetivo era realizar uma aproximação entre as comunidades quilombolas e as escolas públicas do município. As fotos abaixo ilustram alguns dos momentos da Mostra.

**Mostra Cultural Modo de Vida e Cultura Quilombola**



## Projeto Saberes em Diálogo Relatório Final Completo



EE Luiz Darly **Mostra Modo de Vida e Cultura Quilombola – Quilombos de Barra do Turvo-SP**  
Fotos: Equipe Projeto – novembro/2018

A quinta atividade foi uma **reunião de boas-vindas com a equipe executora**, ocorrida no dia 12 de dezembro de 2018 para planejamento das atividades (apresentação geral da equipe, definição de calendário de reuniões e planejamento das atividades iniciais).

A sexta e última atividade referiu-se à **Seleção de Monitor Bolsista** para o projeto. Assim que soubemos da aprovação do projeto abrimos seleção para monitor bolsista para o projeto nas áreas de Geografia, Letras e Matemática. Houve inscrição apenas de estudantes de Geografia e a seleção foi realizada no dia 13 de dezembro de 2018, ocasião em que o bolsista Igor Gonçalves foi selecionado para uma bolsa de 18 meses. As duas bolsas não preenchidas deveriam ter sido transformadas em 3 bolsas de 12 meses. A solicitação foi encaminhada no dia 28 de agosto de 2019 à qual não obtivemos resposta. O desenrolar das atividades e o recebimento de bolsa PUB nos fez não insistir na solicitação.

### 2.2 Atividades de Gestão

Para que fosse possível planejar e executar as atividades do projeto, foram realizadas reuniões quinzenais com toda a equipe executora (professores e estudantes). No primeiro semestre as reuniões ocorreram às sextas-feiras das 14h às 18h e no segundo semestre elas passaram a ocorrer às segundas-feiras, sendo as sextas-feiras destinadas às reuniões de trabalho com os monitores bolsistas.

As reuniões constituíram-se em momentos importantes para o planejamento das atividades e reflexão sobre a construção da interdisciplinaridade. Entre os temas tratados destacamos a definição sobre os impasses diante da atitude da Diretoria Regional de Registro-SP (será tratada no item 2.4); a definição sobre material para grupo de estudos; a análise de parte do material didático utilizado pelas escolas municipais; o preparo do seminário **“Comunidades Quilombolas**

*do Vale do Ribeira: olhares da USP em diálogo*”; a organização das diferentes oficinas temáticas; a avaliação das oficinas realizadas e identificação de pontos a serem aprimorados, entre outras. Foram momentos muito importantes, de reflexão coletiva, que muito contribuíram para a consolidação do grupo e formação dos estudantes envolvidos.

### 2.3 Grupos de Estudos

Os grupos de estudos foram previstos no interior do projeto como momentos de formação da equipe executora sobre a temática da educação quilombola e da construção da inter e transdisciplinaridade. Diante do calendário apertado do primeiro semestre, envolvendo uma série de ajustes para a realização das atividades com os professores, oficinas com os estudantes, reuniões com as comunidades e reuniões com a equipe gestora das escolas em Barra do Turvo, os grupos de estudos estiveram diluídos nas reuniões da equipe executora e contemplaram a análise das Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental de 9 anos, com especial destaque para a Educação Infantil e Ensino Fundamental I, onde concentramos nossos esforços nesta primeira etapa do projeto.

Também uma série de reuniões foram dedicadas à exposição de temas relacionados ao modo de vida nas comunidades quilombolas, a questão do Mosaico de Unidades de Conservação do Jacupiranga, a questão da educação quilombola no município a partir das apresentações dos trabalhos de Laura de Biase, Aline Garmes e Mariana Renó Faria, de modo a contextualizar os membros da equipe que não tinham familiaridade com a região sobre os pontos que julgamos importantes destacar e o caminho que já trilhamos com as comunidades. Para consolidar esses dados foi realizado um Seminário intitulado “*Comunidades Quilombolas do Vale do Ribeira: olhares da USP em diálogo*” envolvendo outros pesquisadores da USP que realizaram suas pesquisas a partir das comunidades com as quais estamos trabalhando, para que pudéssemos construir uma visão mais ampla sobre o tema. Tais atividades foram de crucial importância para equiparar o conhecimento dos diferentes professores e estudantes das diversas áreas de conhecimento que compõe o projeto – História, Letras, Matemática e Geografia sem pesquisa específica na área – de modo a pensarmos em estratégias de ação com mais adesão ao território. Também nos ocupamos da discussão das Diretrizes Curriculares para a Educação Escolar Quilombola e às propostas de ações afirmativas para o ensino fundamental I e à avaliação do material escolar utilizado em sala de aula para pensar nas estratégias interdisciplinares e outros temas que julgamos importantes. Diante da concentração de oficinas no segundo semestre, optamos por deixar para a etapa seguinte a discussão sobre experiências de educação quilombola (entre eles o caso do Quilombo Conceição das Crioulas).

Em 2020, diante da exigência de isolamento social devido à pandemia Covid-19, nos dedicamos ao estudo mais aprofundado dos livros didáticos utilizados pela Educação Infantil e Ensino Fundamental I com o objetivo de identificar de forma mais precisa as possibilidades de articulação do conteúdo ali presente às temáticas tratadas nas oficinas, bem como às possíveis interdisciplinaridades. Também nos dedicamos ao estudo da experiência da construção da educação escolar quilombola no Quilombo Conceição das Crioulas e temos o objetivo de contatar a autora da dissertação – quilombola e atualmente doutoranda em temática semelhante – para discutirmos seu trabalho e pensarmos em possibilidades de colaboração na próxima etapa. Com a ampliação da equipe (sobre a qual falaremos no item 2.12), estamos nos

## Projeto Saberes em Diálogo Relatório Final Completo

dedicando ao estudo do Currículo Paulista e realizaremos no dia 19 de outubro de 2020 uma reunião com duas professoras da educação básica da rede municipal de Osasco para entendermos as possibilidades e desafios de implantação do currículo antes de finalizarmos a proposta do curso de formação continuada em Educação Escolar Quilombola a ser oferecido aos professores da rede municipal de Barra do Turvo entre outubro e dezembro de 2020. Na sequência, iremos retomar algumas leituras com os novos estudantes ingressantes via PUB e novos integrantes da equipe para mais uma vez construirmos a base comum para a ação no território em 2021. Os grupos de estudo, pois, continuarão a ocorrer durante os meses de outubro a dezembro de 2020 e serão retomados a partir de fevereiro a dezembro de 2021.

### **2.4 Reuniões com equipe Gestora das escolas estaduais, Secretaria Municipal de Educação e Diretoria de Ensino de Barra do Turvo-SP e com equipe da Diretoria Regional de Ensino de Registro-SP**

No período de 15 a 18 de janeiro de 2019 estivemos em Barra do Turvo-SP para programação das atividades com as comunidades e com a Secretaria de Educação do Município, Diretoria de Ensino do Município e os diretores das escolas estaduais do município (na ocasião representados pelo Diretor da EE Luiz Darly). Neste período nos reunimos com representantes das comunidades para programar as atividades iniciais do projeto (visita de reconhecimento com os professores da rede pública de ensino), pensar a melhor ordem das oficinas e como organizá-las e planejar as datas de realização de cada uma delas. Com a Secretaria, Diretoria e equipe gestora das escolas do município, foi realizada uma reunião para planejarmos o início das atividades, a distribuição das atividades ao longo do ano, o melhor momento para realizarmos as atividades com os professores, as oficinas, e pensarmos em toda a logística que estaria envolvida na execução do projeto.

Na ocasião havia uma ameaça por parte da Prefeitura de fechamento da Escola Água Quente, frequentada pelos estudantes do ensino fundamental I das comunidades quilombolas e bairros vizinhos. As comunidades estavam bastante estressadas diante dessa possibilidade e solicitaram nossa intervenção junto à Secretaria de Educação do Município. A proposta apresentada pela Secretaria Municipal era distribuir os alunos da Escola Água Quente em duas outras escolas, uma na BR 101 e outra no Bairro Barreiro-Anhemas. Os pais não estavam de acordo com a proposta, e estavam particularmente preocupados com a ideia de deslocar as crianças para a escola da BR, considerando o tempo de deslocamento, o risco de ficarem paralisados na rodovia em ocasião dos frequentes acidentes que paralisam muitas vezes por horas a rodovia, bem como pela escola ficar relativamente próxima à BR 101. Conversamos com a Secretária e conseguimos uma audiência também com o Prefeito para tratar do assunto. O Prefeito, embora tivesse como intenção levar adiante a proposta de fechamento da escola, se disponibilizou a ouvir as comunidades e ponderar sobre suas propostas. A reunião que ocorreu na semana seguinte sem nossa presença teve um desfecho positivo para as comunidades, com a manutenção da escola aberta, com classes multisseriadas.

Com a Secretária Municipal de Educação, a Diretora Municipal de Ensino e o Diretor da Escola Estadual Luiz Darly planejamos o início das atividades com os professores para o retorno às aulas, em fevereiro. Decidimos realizar uma reunião para apresentação do projeto em ATPC coletivo, a participação no planejamento escolar para inserção da temática no calendário escolar

## Projeto Saberes em Diálogo Relatório Final Completo

e a visita de reconhecimento dos professores às comunidades quilombolas. Naquele momento imaginávamos que o planejamento ocorreria em fevereiro antes da visita planejada para o dia 22 de fevereiro p.p. e definimos que faríamos um dia comum na EE Luiz Darly dedicado ao planejamento das atividades dos projetos.

De retorno para São Paulo, no dia 18 de janeiro, nos reunimos com a equipe responsável pelas escolas estaduais de Barra do Turvo e pela responsável pela educação quilombola no estado na Diretoria Regional de Registro-SP. Havíamos contatado uma funcionária responsável pela área de Geografia mas fomos recepcionados por 5 funcionárias e o clima da reunião foi bastante ambíguo, no início pareceu de cordialidade mas ao final era de muita hostilidade. Fomos várias vezes interrompidos e questionados em tom inquisitório durante a apresentação da nossa proposta de ação junto às escolas e, ao final, nos foi informado que a Diretoria já possuía ação no território envolvendo a temática quilombola que contemplava o que era previsto na Lei, deixando claro, embora não dito explicitamente, que não estavam interessados em acolher nossa proposta. Nos foi solicitado que apresentássemos a proposta adequada a formulário próprio. Fomos também orientados a não entrar nas escolas estaduais até a aprovação do projeto pelo responsável da DRE Registro-SP.

O resultado da reunião na DRE Registro-SP foi discutido em reunião da equipe executora de fevereiro/2019. A adequação que o formulário enviado previa exigia uma alteração radical da proposta original do projeto: ao invés de partir das comunidades e das práticas pedagógicas dos professores em sala de aula, o formulário solicitava que iniciássemos com uma formação a ser aplicada a todos os professores da rede estadual, o oposto do que planejávamos realizar. Por entendermos que tal adequação comprometeria a construção à qual tínhamos nos proposto, optamos por concentrar nossa ação nesta fase inicial nas escolas de educação infantil e ensino fundamental I da rede municipal de ensino, onde tínhamos sido acolhidos com abertura e confiança e por retirar as escolas estaduais de ensino fundamental II e médio do projeto, pelo menos nesta fase inicial.

A segunda reunião com a equipe gestora, dessa vez apenas municipal, ocorreu no dia 20 de fevereiro, para realizarmos os últimos ajustes necessários para as primeiras atividades com os professores, realizadas no dia 21 de fevereiro, à noite, em ATPC coletivo, para apresentação detalhada do projeto e de seu calendário de execução e no dia 22 de fevereiro, pela manhã e almoço, para a visita de reconhecimento dos professores às comunidades, as quais serão descritas no item a seguir.

Em março ocorreu a participação de parte da equipe na atividade de planejamento escolar, ocasião em que o projeto foi novamente apresentado para esclarecimento das dúvidas restantes e para pensar em como inserir suas atividades durante o ano escolar. O planejamento será melhor detalhado no item 2.6 Atividades com os Professores.

Durante os meses de abril e maio as reuniões com a equipe gestora de Barra do Turvo aconteceram via Skype e whats app vídeo, ocasião em que discutimos o planejamento da proposta de Acantonamento, apresentada à equipe executora pela Diretora das Escolas de Ensino Fundamental I. Em função de problemas com o transporte da FFLCH USP precisou ser cancelado um dia antes de sua execução, o que deixou o clima com os professores bastante



ruim<sup>1</sup>. Diante das inúmeras dificuldades que se seguiram de disponibilidade de transporte e ajuste de agenda com os professores da equipe executora em semestre letivo o acantonamento foi substituído por uma outra atividade, que denominamos de *acantonamento*, realizado em maio de 2019 em concomitância a um trabalho de campo realizada pela Profa. Dra. Cristina Wissenbach, integrante do projeto, no âmbito da disciplina *“História da África e dos Afrodescendentes no Brasil: conteúdos e ferramentas didáticas para a formação de professores do ensino médio e fundamental”*, cujo relato será realizado no item 2.6 Atividades com os Professores. Também o planejamento para a realização da primeira oficina envolvendo estudantes e professores precisou ser realizado por via virtual.

A partir do segundo semestre conseguimos realizar reuniões presenciais envolvendo a Diretora das Escolas de Ensino Fundamental I, aproveitando as idas a campo para a realização das oficinas, o que facilitou a comunicação. Foram realizadas três reuniões presenciais, duas em agosto, quando foi realizado o planejamento das oficinas restantes e uma em setembro, onde foi discutida a proposta de calendário de reunião com professores e proposta de atividade para marcar o encerramento da primeira fase do projeto, realizada em novembro e sobre a qual falaremos mais à frente, no item 2.10.

## 2.5 Reuniões com Representantes das Comunidades

As reuniões com representantes das comunidades foram realizadas desde o início da elaboração do presente projeto e são parte fundamental da realização dele. A partir do início das atividades oficiais do projeto foram realizadas algumas reuniões de grande importância. Em janeiro, foi fundamental pensarmos juntos sobre os conteúdos de cada uma das oficinas, cujas temáticas foram sugeridas pelos membros das comunidades durante a realização do projeto ***“Mostra Modo de Vida e Cultura Quilombola: percursos pedagógicos”***. Também planejamos com eles a forma de condução da visita de reconhecimento que seria realizada pelos professores da rede municipal de ensino. Diante da possibilidade de fechamento da escola de Água Quente discutimos com eles estratégias para buscar reverter a situação proposta pela Prefeitura Municipal. Participamos de reuniões com as comunidades, com a Secretária Municipal de Educação, com Vereadores e com o Prefeito do Município para discutir a questão.

No dia 20 de fevereiro participamos da reunião da RDS Quilombos de Barra do Turvo (desde janeiro de 2019 ocupo o cargo de conselheira titular como representante de órgãos de pesquisa, a convite das comunidades em reconhecimento ao trabalho ali realizado). Na ocasião foram decididos os últimos ajustes para a visita de reconhecimento dos professores da rede municipal às comunidades. Em seguida, no dia 22 de fevereiro à tarde, após a realização da visita dos professores, em outra reunião com representantes das comunidades foram planejadas as oficinas a serem realizadas durante o ano e o período (mês) para cada uma delas. As fotos abaixo ilustram a reunião da RDS e a reunião de planejamento das oficinas do ano escolar 2019.

---

<sup>1</sup> Essa questão se repetiu ao longo do projeto e será avaliada separadamente no item 2.15.

## Projeto Saberes em Diálogo Relatório Final Completo



Reunião RDS Quilombos de Barra do Turvo (Q. Cedro) e Planejamento das Oficinas (Q. Terra Seca)  
Fotos: Igor Gonçalves – janeiro/2019

Em março na reunião da RDS fizemos uma avaliação sobre a visita de reconhecimento com os professores e planejamos a atividade de acantonamento. De abril a junho a comunicação passou a se dar por meio de grupo whats app com representantes das comunidades, conversas individuais e ligações, sempre por meio telefônico, para ajustar as atividades planejadas.

A partir de agosto as conversas voltaram a se dar de forma presencial, com a participação na reunião da RDS em agosto e de forma virtual com a comunicação nos grupos whats app, comunicação no whats app privado e ligações telefônicas para ajustes das oficinas.

Em 2020 não chegamos a visitar as comunidades. Iriamos participar do planejamento escolar no início de março, ocasião em que havíamos planejado realizar uma reunião de avaliação das atividades com as comunidades. Porém, fomos informados de que ele havia sido transferido para abril e depois, com a situação de isolamento social, não estivemos mais no município. Mantivemos contatos esporádicos via whats app e participamos de duas das três reuniões da RDS ocorridas virtualmente via plataforma Zoom, mas da qual participam poucos membros. Havíamos planejado uma reunião para avaliação das oficinas no mês de setembro, mas não houve participação de nenhum membro das comunidades. Consultamos então uma a uma sobre a pertinência de dar andamento às atividades do projeto. Todas confirmaram a participação e enviaram carta de adesão ao projeto, declarando dificuldades de uso dos aplicativos. Estamos avaliando juntamente com o Gestor da RDS Quilombos de Barra do Turvo uma maneira de ampliar a participação das comunidades. Planejamos que eles participem do curso de formação e pensamos que uma alternativa pudesse ser a gravação de áudio ou vídeos para serem enviados aos professores ou apresentados durante as aulas. Na próxima reunião da RDS (21 de outubro p.f.) iremos formalizar a proposta.

### 2.6 Atividades com Professores da Rede Municipal

A *primeira atividade* realizada pela equipe do projeto envolvendo os professores da rede municipal de ensino foi a **participação em ATPC coletivo** realizado no dia 21 de fevereiro, das 19h às 21h. Nesse dia, como coordenadora do projeto, apresentei sua estrutura e forma de funcionamento, esclarecendo todas as dúvidas que foram levantadas por parte dos professores. Na ocasião os professores foram também preparados para participar da visita de

## Projeto Saberes em Diálogo Relatório Final Completo

reconhecimento que ocorreria no dia seguinte. Também estava presente a Secretária Municipal de Educação e os demais membros da equipe executora do projeto. Foi uma atividade bastante proveitosa, onde os professores puderam também relatar seu conhecimento a respeito das comunidades e as atividades que já realizam sobre a temática quilombola. Participaram da atividade cerca de 60 pessoas considerando os professores, coordenadores pedagógicos, diretores das escolas, Secretária Municipal de Educação, Diretora de Ensino do Município e Equipe Executora do Projeto.



ATPC Coletivo de Abertura das Atividades do Projeto Saberes em Diálogo – EMEB Maria Izabel - BTurvo  
Fotos Igor Gonçalves – fevereiro/2019

No dia 22 de fevereiro no período das 8h às 14h ocorreu a *segunda atividade* com os professores: a **visita de reconhecimento com os professores da rede municipal da educação infantil e ensino fundamental I às comunidades quilombolas de Barra do Turvo**. O encontro ocorreu na sede da Associação da Comunidade Terra Seca, onde os professores foram recebidos com um café da manhã preparado por membros da comunidade. Após uma breve fala de boas-vindas por parte das mulheres quilombolas responsáveis pelo café, por lideranças das comunidades e pela Coordenação do Projeto, os professores foram divididos em cinco grupos de 10 a 12 pessoas e distribuídos entre as cinco comunidades, onde alguns representantes os aguardavam. A atividade foi composta de uma fala de recepção com esclarecimentos sobre a história deles no local, processo de reconhecimento das áreas, significado de comunidade quilombola, seguida de uma visita a alguma área da comunidade feita em caminhada. O objetivo era que os/as quilombolas apresentassem aos professores suas comunidades, falando um pouco das atividades cotidianas e produtivas. Houve também um espaço para conversar sobre as experiências escolares do passado, os problemas identificados no presente e as expectativas de melhora. Esse foi o primeiro contato do grupo de professores municipais de Barra do Turvo com as comunidades quilombolas do município, a partir da mediação do Projeto e orientado por suas premissas. A atividade nas comunidades ocorreu das 9h às 12h.

## Projeto Saberes em Diálogo Relatório Final Completo



Visita de Reconhecimento dos Professores às Comunidades Quilombolas de Barra do Turvo: acolhida  
Fotos: Igor Gonçalves e Lucas Martines – fevereiro/2019

A seguir, breve relato sobre o que aconteceu em cada uma das Comunidades Quilombolas:

### *Comunidade Quilombola Pedra Preta*

O grupo direcionado para conhecer a comunidade Pedra Preta foi composto por nove professores e um dos técnicos da E.M.E.B. Prof<sup>a</sup> Maria Izabel Mota Ferreira. Chegando na comunidade, alguns dos professores disseram já estar familiarizados com a comunidade, pois já haviam visitado e até mesmo dado aula na antiga escola que existia no lugar. Outros disseram que nunca tinham visitado nenhuma das comunidades quilombolas e que não conheciam a forma como viviam. Todos, porém, conheciam alguém que morasse ali e, ainda no começo da visita, um dos professores afirmou ser descendente de um antigo morador do quilombo Pedra Preta, o que lhe havia despertado um grande desejo de conhecer a comunidade.

Chegando no ponto de encontro fomos recebidos pelo Sr. Zé Alvarenga e pela Liane de uma forma bem aberta e disposta ao diálogo com os professores. Após todos se acomodarem, foi iniciada uma roda de conversa com perguntas feitas pelos professores, intercalando tanto um roteiro prévio levantado durante a reunião de ATPC da escola no dia anterior, quanto perguntas pessoais que surgiram no momento do diálogo. Surgiram diversos questionamentos sobre a infância e raízes dos moradores, buscando apreender como era o cotidiano deles enquanto crianças, tanto no que diz respeito às brincadeiras da época quanto à escolaridade, onde estudaram, até que série, as principais dificuldades de acesso à escola, além de se questionarem se essas dificuldades persistem ainda hoje e perguntarem sobre como vivem os jovens quilombolas atualmente. A conversa seguiu por esse caminho, em que ambos os lados relataram suas experiências, os moradores sobre sua vida escolar e também a de seus filhos ou conhecidos que são crianças ou jovens e os professores, tanto de suas experiências na infância quanto atualmente, lecionando.

Um outro caminho da conversa também surgiu espontaneamente, uma quebra de estereótipos sobre o que seria um quilombo, já que ainda hoje há muito um pensamento conservador sobre

## Projeto Saberes em Diálogo Relatório Final Completo

o que tem que ser uma comunidade tradicional, congelada no tempo. Vivenciando essa conversa e essa experiência, foi possível observar uma empolgação nos professores que participaram dessa primeira visita, surgindo dos mesmos a iniciativa de recriar algumas brincadeiras de época ali mesmo, e assim foi feito. Para encerrar a conversa foi feita uma roda de ciranda com diferentes cantigas, onde foi lembrado tempos anteriores em uma brincadeira com muita risada e carinho.

Após a ciranda fomos conhecer mais a comunidade. Os professores propuseram que conhecêssemos tanto os lugares de produção agrícola da comunidade como suas ferramentas mais tradicionais e mais modernas. Seguimos primeiro para conhecer um pequeno trator que servia de uso comum a toda comunidade, onde perguntas foram feitas quanto aos seus usos, além de conversas espontâneas que iam acontecendo durante o caminho. Em seguida fomos até a casa do Sr. Idelfonso, que mostrou com muito orgulho sua produção agrícola, que se dividia em duas, uma com técnicas agroecológicas reconhecidas pela cooperativa local e outra que era feita a partir da técnica tradicional quilombola que, apesar de também ser agroecológica (sem uso de insumos químicos), não é reconhecida pela cooperativa devido ao uso da prática de coivara.

Continuando por sua casa nos foram mostradas ferramentas mais tradicionais da agricultura, como o cesto e algumas ferramentas de manejo da terra. Também nos foi contado sobre sua história e como era feito o trabalho em sua casa, sendo as tarefas divididas com o Sr. Idelfonso cuidando da casa, das refeições, ou seja, do espaço do habitar e sua esposa cuidando da produção agrícola. Continuamos um pouco mais a conversa e por fim nos despedimos, pois já havia chegado no horário teto da atividade de visita à Pedra Preta, para retorno à Comunidade Terra Seca. A visita foi acompanhada por Igor Gonçalves e Caio Maranhão, membros da equipe executora.



Quilombo Pedra Preta: Visita de Reconhecimento com professores da rede municipal  
Fotos: Igor Gonçalves – Fevereiro/2019

Projeto Saberes em Diálogo  
Relatório Final Completo

*Comunidade Quilombola Cedro*

O grupo direcionado à Comunidade Cedro foi composto por nove professoras da rede municipal, acompanhadas pela Profa. Iole de Freitas Druck e pela funcionária Patrícia A. Barbosa, membros da equipe de pesquisadores da USP no projeto. Fomos recebidos pelo líder da comunidade Sr. Benedito de Paula, também conhecido como “Ditão”, que nos levou à sede, em construção, da associação de moradores do quilombo. Ali reunidos, e incentivado pelas perguntas das professoras presentes, o sr. Benedito nos relatou a origem histórica da comunidade, falou sobre como vivem atualmente e comentou um pouco sobre como foi iniciado o processo de educação escolar naquele quilombo. Segue um resumo do relato do sr. Benedito.

A comunidade foi fundada em 1905 por Pacífico Morato de Lima, que chegou de barco à região que era desabitada, uma área de mato não explorado. Ali Pacífico construiu sua casa e um barco com a madeira de um cedro que ali havia. Trouxe sua esposa, que morava no Reginaldo (outra comunidade quilombola), e construiu uma capela (que foi refeita por volta de 1980). Posteriormente chegou também Miguel de Pontes, e a comunidade foi se estabelecendo, próximo ao rio. Em 1920 Pacífico registrou todas as terras em seu próprio nome, mas depois repartiu a propriedade entre todos que por ali já viviam. A religiosidade já estava bastante presente, com devoção a São Pedro, que acreditavam ter lhes ajudado a fazer prosperar na comunidade. Assim, promoviam todo domingo festas religiosas de agradecimento, com muita comida e sem fins lucrativos. Hoje essa tradição mudou bastante. O terço religioso acontece uma vez por mês, ainda com farta comilança, para manter a tradição.

A primeira escola estadual foi construída em 1966, quando Ditão tinha 14 anos. Nessa época o professor ficava morando na comunidade durante a semana, reunindo todos seus alunos na mesma sala, em uma classe multisseriada. O acompanhamento do aprendizado das crianças era bastante personalizado devido ao fato do professor permanecer na comunidade em contato com todos ao longo da semana. O Cedro foi o primeiro bairro da região a receber um professor.

Atualmente a comunidade do Cedro é composta por 23 famílias e cerca de 100 pessoas. O quilombo ainda não foi regularizado, apesar de existir como tal e ter sua associação desde 2009. Como ele se situa em uma área de preservação ambiental (Reserva de Desenvolvimento Sustentável Quilombos de Barra do Turvo), os membros das comunidades não têm autonomia para gerir seu território, estando submetidos à legislação ambiental e às regras impostas pelo Estado<sup>2</sup>. No momento, além da construção da sede para a associação, está sendo construída também uma cozinha comunitária que deverá ser equipada com maquinário adequado para possibilitar a embalagem a vácuo de seus produtos para venda (pupunha, mandioca e batata doce).

Depois desta conversa, que durou cerca de meia hora, Ditão nos convidou a visitar a comunidade. Atravessando a estrada, passamos a subir o morro por uma estrada de terra. Primeiro visitamos a cozinha que já está construída, mas não ainda em funcionamento por faltar a instalação de alguns equipamentos. Ao longo da subida vimos também várias outras residências, seja de membros da comunidade ou de “terceiros”, que são também moradores da

---

<sup>2</sup> Recentemente os membros do Quilombo Cedro receberam uma multa devido a um incêndio em uma área que estava dentro de sua comunidade mas que não foi ocasionado por eles. Ainda recorrem na justiça para reverter o caso.

## Projeto Saberes em Diálogo Relatório Final Completo

região e produtores agrícolas não quilombolas. Depois chegamos à parte mais elevada da área, onde se localiza a casa do Sr. Benedito e outras de seus filhos, bem como a roça de sua propriedade. Lá pudemos observar, por exemplo: o pomar, a roça e a parte da casa feita de taipa. Depois nos sentamos novamente em roda de conversa, agora com vários familiares do anfitrião participando também. Neste momento foram feitas muitas perguntas pelas professoras sobre a forma de cultivo da terra praticada pela família – a agricultura agroflorestal, que associa a preservação da floresta com o cultivo de produtos sem o uso de agrotóxicos, com métodos específicos, distintos dos empregados na produção de gêneros agrícolas atestados como orgânicos. A família do Sr. Benedito faz parte da cooperativa Cooperafloresta, fizeram os cursos promovidos por ela e vendem sua produção por intermédio dela. Nem todos os demais quilombolas são cooperados ou seguem as mesmas técnicas de produção agroflorestal. Esta seria, inclusive, uma das razões para a cozinha comunitária – poderem eles próprios vender seus produtos devidamente bem embalados, sem necessitar da intermediação da cooperativa. Foi uma conversa prolongada e detalhada, que despertou grande interesse das professoras visitantes. Foi possível perceber que existem algumas tensões e faltas de consensos entre os membros da comunidade sobre como encaminhar suas ações conjuntas.

Ao todo a visita durou cerca de 3 horas. Todas as professoras estiveram sempre muito animadas e curiosas, se envolvendo bastante com as conversas e com a observação de tudo que nos foi mostrado na comunidade. Na volta estavam muito alegres e animadas. Consideramos que a visita de reconhecimento foi muito instrutiva e produtiva, tendo cumprido os objetivos de oportunizar às professoras uma familiarização com o modo de vida, com as tradições e as aspirações da comunidade Cedro, bem como com as dificuldades que vêm enfrentando para o reconhecimento oficial dos seus direitos à terra e território enquanto quilombolas.



Quilombo Cedro: Visita de Reconhecimento com professores da rede municipal  
Fotos: Iole Drucke – Fevereiro/2019

### *Comunidade Quilombola Ribeirão Grande*

Para esta comunidade foram direcionados oito professores de escolas rurais, acompanhados pelas representantes quilombolas Maria e Nilce e por Yaracê M. B. Rego, como membro da equipe executora do projeto.

## Projeto Saberes em Diálogo Relatório Final Completo

Na chegada, Nilce apresentou o espaço da antiga fábrica de farinha, falando da atividade que era realizada anteriormente no local. A conversa em seguida passou a girar em torno dos hábitos alimentares tanto da comunidade quanto da região, comparando semelhanças e eventuais peculiaridades com a região mais ampla do município. A partir dos tipos de alimentos consumidos - retirados da própria comunidade - e de perguntas disparadoras lançadas pela integrante da equipe executora, a conversa se transformou numa reconstituição do histórico da mobilização da comunidade em torno de seu reconhecimento como um território quilombola, sobretudo a partir da década de 1990 e da demarcação do Parque Estadual.

Alguns professores pontuaram durante a conversa que não percebiam tantas características específicas da comunidade como tal, uma vez que muitos dos hábitos seriam iguais aos de seus familiares da zona rural de Barra do Turvo e até outras regiões, deixando implícita a opinião de que o reconhecimento não era legítimo. Percebendo essa intenção, a integrante da equipe executora e Nilce, importante liderança quilombola, passaram a contestar essa posição. Nilce reivindicou a legislação que reconhece o sentimento da comunidade como tal, ligada a um território específico, com ancestralidade comum e descendente de pessoas que foram escravizadas no passado, daí o intrínseco caráter de resistência.

Desse tema, muitos outros foram surgindo em torno do que Nilce pontuava como elementos da identidade deles como quilombola. Falou-se muito tempo das plantas de uso medicinal usadas na comunidade, das pessoas da comunidade que detém o conhecimento sobre esse uso e da necessidade de preservar tudo isso. Falamos também sobre alguns conflitos de terra em torno do território da comunidade e o impacto disso na vida escolar das crianças, daí a insistência de Nilce em salientar a necessidade de valorização do quilombola - com foco na criança - como um sujeito de direitos. Estivemos por muito tempo nesse assunto, com os professores fazendo perguntas e Nilce tendo a oportunidade de esclarecer uma série de dúvidas.

A partir dessa temática passamos a conversar sobre educação: como era a experiência no passado, quando as escolas eram estaduais e estavam dentro das comunidades e quais foram os impactos da municipalização, quando muitas escolas estaduais foram fechadas e as crianças tiveram que sair para poder estudar. Todos avaliaram essa mudança como muito negativa, inclusive os professores, uma vez que muitos deles haviam vivido essa experiência. Os professores consideravam positivo estar inserido diretamente na comunidade, vivendo intensamente sua rotina, com salas multisseriadas mas de poucos alunos, onde os professores muitas vezes podiam cozinhar com as crianças.

Por fim, foram abordadas algumas temáticas trabalhadas em sala de aula e possibilidades de intersecção com a vida em comunidade. Falamos também das expectativas em relação ao projeto, o planejamento e objetivo das oficinas e a produção de material didático. Ao final da conversa o grupo retornou à comunidade Terra Seca, onde foi servido um almoço coletivo preparado por algumas mulheres das comunidades.

### *Comunidade Quilombola Terra Seca*

O grupo de professores foi recebido pelos membros da comunidade, entre estes Dona Aparecida, Sr Joaquim de Paula, Sr Juvenal, Sr Zico, todos pertencentes às gerações mais velhas do quilombo, e Silvia, pertencente a uma geração mais jovem. Essa visita sucedeu um episódio marcante no debate sobre educação no município: a tentativa de fechamento da E.M.E.B. Profª



## Projeto Saberes em Diálogo Relatório Final Completo

Maria das Dores Domingues Moura, a Escola da Água Quente, em que a maior parte dos alunos são quilombolas. Neste sentido, no momento de apresentação de todas as pessoas que participaram da visita, as professoras logo levantaram questionamentos acerca da validade da atividade, pois na perspectiva das mesmas era inconcebível e contraditório a gestão municipal respaldar um projeto sobre educação quilombola e, simultaneamente, ter em seu horizonte administrativo e político o fechamento da Escola da Água Quente. Visando esclarecer os questionamentos das professoras, os membros da equipe executora afirmaram que a equipe do projeto, no intuito de contribuir com a luta das famílias quilombolas contra o fechamento da escola, interveio nas negociações. Esclareceu ainda que o diálogo que a equipe de projeto realizou com a gestão municipal buscou deixar claro o valor político e afetivo da referida escola para as comunidades, destacando também os perigos aos quais as crianças estariam submetidas diariamente se elas fossem transferidas para uma outra instituição, cujo trajeto consiste em atravessar a Rodovia Régis Bittencourt, onde veículos de grande porte transitam em alta velocidade.

Com relativa superação do desconforto das professoras, a equipe do projeto tentou avançar no diálogo com o objetivo de passar a palavra para os membros da comunidade. No entanto, à medida que os últimos se apresentavam, novamente as professoras intervinham. Além das mesmas terem vivência e carreira pretéritas na região, o que lhes assegurava uma determinada imagem sobre a identidade e a cultura local, algumas se reconheciam igualmente como quilombolas, fato que utilizavam para legitimar as incessantes sobreposições às falas dos membros da comunidade quilombola. Portanto, a visita de reconhecimento aos poucos foi se transformando em um palco para que as professoras expressassem seu conhecimento e suas verdades, inscritas em uma imagem limitada sobre os significados de uma comunidade quilombola.

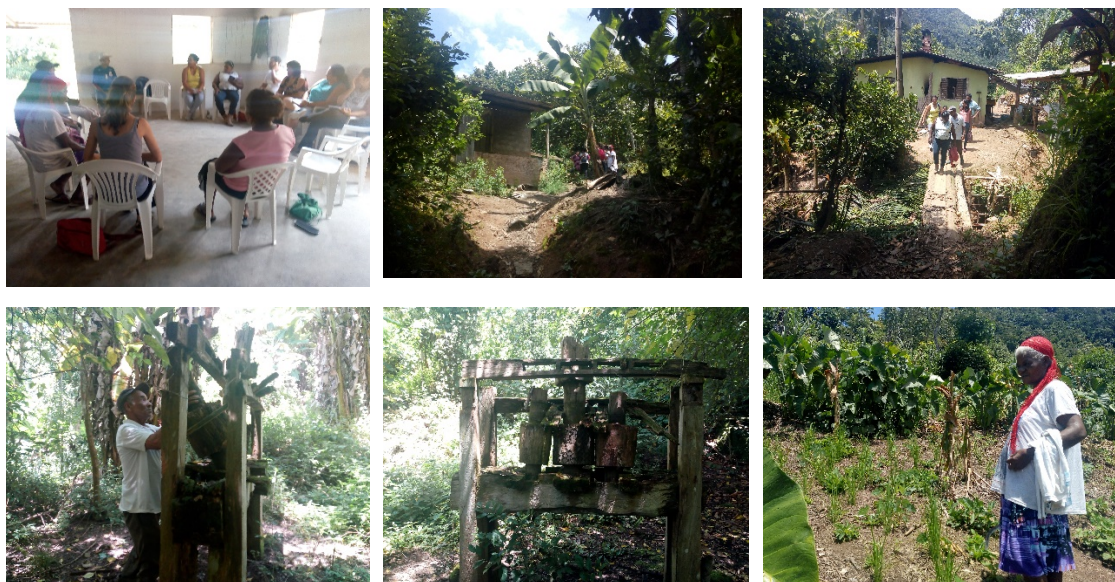
Um momento marcante do diálogo foi quando uma determinada professora, de maneira incisiva, começou a comparar o salão da comunidade, onde a roda de conversa estava sendo realizada, ao salão do Quilombo de Ivaporunduva, no município de Eldorado, a sua comunidade de origem. Este último quilombo constrói seu discurso identitário e de pertencimento remontando em primeiro lugar a experiência da escravidão e os seus impactos para a população negra em geral, enquanto nos quilombos da Barra do Turvo, apesar da memória da escravidão se encontrar também presente na manutenção da identidade local, o discurso identitário mobiliza mais expressivamente os elementos cotidianos do modo de vida quilombola, as tradições culturais e religiosas, a relação com a terra, o desenvolvimento de rocios em regime de coivara ou sistema agroflorestal, etc. Em um, observa-se um discurso militante que escancara feridas históricas. Em outro, um discurso que valoriza o afeto pelas tradições que são transmitidas nas relações do dia a dia. Portanto, os quilombos do Vale do Ribeira, apesar de se relacionarem à um processo histórico em comum, desenvolvem discursos distintos.

Aos poucos, a visita de reconhecimento também foi se transformando em uma cobrança para que os membros da comunidade se apropriassem de um determinado discurso, um discurso estranho, que não era dali, e sim, de fora. Com o decorrer da conversa os membros presentes ficaram gradativamente constrangidos, com receio de tomar a palavra e se expressar. A equipe da universidade tentou mediar a conversa, retomando a intenção da atividade e buscando garantir espaço para as falas da comunidade, porém, os esforços foram em vão, pois apenas aumentaram o desconforto da comunidade e a tensão das professoras. Como uma alternativa

## Projeto Saberes em Diálogo Relatório Final Completo

ao monopólio do diálogo por parte das últimas, a equipe da universidade sugeriu que todos fossem caminhar pelo quilombo, com o objetivo de conhecer a comunidade. Contudo, esta alternativa igualmente não agradou as professoras, que alegavam já o conhecer. Assim, metade das professoras permaneceu no salão enquanto a outra metade acompanhou Dona Aparecida a uma visita à sua área de agrofloresta. No meio do caminho mais algumas ficaram para trás, apenas restando duas professoras e a equipe do projeto para prosseguir com Dona Aparecida.

A visita de reconhecimento encerrou-se indicando para a equipe executora que o corpo docente no município já possui um arcabouço teórico sobre a temática quilombola, o qual não deve ser menosprezado ou negligenciado. Pelo contrário, deve ser em determinado aspecto valorizado, visando uma aproximação com o mesmo, ainda que em vários aspectos algumas ideias provenientes deste arcabouço devam ser tensionadas em busca de uma ampliação da compreensão em torno da temática, e de uma possibilidade de despertar nas professoras os meios para se entender as formas próprias e locais de construção da identidade quilombola. A visita foi acompanhada por Helga Kress Meirelles e Lucas M. da Silva, membros da equipe executora do projeto.



Quilombo Terra Seca: visita de reconhecimento com professores da rede municipal  
Fotos: Lucas Martines da Silva. Fevereiro/2019

### *Comunidade Quilombola Reginaldo*

A visita ao Quilombo Reginaldo foi realizada com cerca de dez professoras da Educação Infantil. Fomos recebidos por Marizaura, que também é professora da Escola Estadual do Município e por Sr. Zé. Marizaura iniciou falando sobre o processo de reconhecimento como Comunidade Remanescente de Quilombo e o significado político deste reconhecimento. Em seguida, passaram a falar sobre como era no início, no tempo “dos mais velhos”. Sr. Zé passou a falar de sua vida na comunidade, da criação de porcos, dos roçados, das dificuldades de deslocamento para outras áreas e, ao mesmo tempo, da fartura que existia então. Não demorou para que a conversa passasse a tratar sobre como era o acesso à escola no seu tempo, da inexistência da escola às artimanhas, quando se construiu a primeira escola da comunidade, de “repetir” várias vezes a mesma série para aprender mais. Marizaura também relatou dificuldades, como longas

## Projeto Saberes em Diálogo Relatório Final Completo

distâncias que as crianças deviam percorrer à pé para chegar à escola, mas já em outro tempo. Também foram tratados de temas como culinária, infância, recreação, casamentos, entre outros. Não houve visita às áreas. A conversa desenrolou-se no salão da associação. Ao fim da atividade uma das professoras foi embora levando consigo outras três colegas e as demais retornaram à cidade com o ônibus escolar que passava por ali. Nenhuma, portanto, participou do almoço de confraternização organizado pelas comunidades.

O que observamos é que, apesar do clima cordial para com os integrantes da comunidade, as professoras expressaram muito preconceito sobre as comunidades, tendo uma delas dito ao telefone que iria “na área daqueles que roubavam terras”. Lamentamos que elas tenham abandonado a atividade antes de seu término. A visita foi acompanhada por Leonardo Ribas e Valeria de Marcos, membros da equipe executora do projeto. Não houve registro fotográfico.

### *Avaliação das atividades e almoço de confraternização*

Em seguida ao retorno dos professores para a Comunidade Terra Seca para o almoço, enquanto o almoço era finalizado, realizamos uma roda de conversa com todos que participaram das atividades, para avaliar e trocar experiências. Foi um momento bastante revelador do (des)conhecimento, preconceito e prejuízo nutrido por muitos professores acerca do sentido e significado de comunidades quilombolas, sobre o que entendem por suas características culturais, o que compunha o que depois denominamos de “Kit Quilombo”. Em alguns momentos a situação ficou bastante tensa, com falas duras e cheias de julgamento por parte de algumas professoras dirigidas aos membros das comunidades e indiretamente à equipe do projeto. Em vários momentos foi necessário intervir para, com cuidado, desmontar os discursos preconceituosos de alguns professores e reforçar a necessidade do cumprimento da lei em base à qual o projeto se assenta. Embora tensa, a reunião permitiu trazer à tona as visões presentes dentro do grupo de professores e os diversos pontos de divergência, a partir dos quais podemos planejar melhor nossa abordagem e atividades futuras.

Após a conclusão da reunião foi realizado um almoço preparado por mulheres das comunidades e a visita dos professores se encerrou por volta das 14h30. Participaram da atividade cerca de 90 pessoas entre professores da rede municipal, membros das comunidades envolvidos nas atividades e equipe gestora.



Quilombo Terra Seca: Reunião de Avaliação entre professores, quilombolas e equipe executora  
Fotos: Igor Gonçalves – fevereiro/2019

A *terceira atividade* realizada com os professores se deu durante a **participação no planejamento escolar das escolas municipais de educação infantil e ensino fundamental I**, ocorrido nos dias 06 de março de 2019 na escola E.M.E.B Profa. Maria Izabel Mota Ferreira. Por

Projeto Saberes em Diálogo  
Relatório Final Completo

parte da equipe executora contou-se com a participação da Profa Dra. Viviana Giampaoli, da então bolsista Pós-Doc Dra Laura De Biase, do então bolsista de Graduação IC Lucas Martinez da Silva e com o acompanhamento de Nilce de Pontes Pereira dos Santos, liderança quilombola da comunidade Ribeirão Grande.

A atividade contou com a presença de aproximadamente 50 professores, das coordenadoras da educação infantil, Profa Valdete, e da educação fundamental, Profa Dalva. Durante o período da manhã, a etapa inicial foi conduzida por Laura que apresentou o projeto “Saberes em Diálogo” de forma breve e ofereceu aos professores a oportunidade de comentar as impressões a partir das visitas de reconhecimento às comunidades anteriormente realizadas e expressar suas dúvidas e avaliações. As dúvidas relacionadas ao projeto foram respondidas e a inquietação expressa sobre demanda de diálogo direto com a comunidade foi encaminhada em atividade desenvolvida no período da tarde.

A segunda etapa, ainda no período da manhã, foi uma exposição por parte da Profa Viviana sobre como este projeto pode ser considerado e trabalhado segundo os objetivos de aprendizagem e habilidades enunciados na Base Nacional Curricular Comum (BNCC), assunto de interesse e preocupação por parte dos professores. Explicou-se as vantagens e possibilidades didático/pedagógicas de se trabalhar de maneira inter e transdisciplinar, apresentando-se a temática quilombola como muito motivadora.

No período da tarde se deu um fechamento da parte expositiva com exemplos de atividades para sala de aula alinhados aos princípios do projeto. A etapa seguinte buscou resolver a demanda colocada pela equipe de professores no período manhã. Realizou-se uma dinâmica na qual os professores foram divididos em grupos de maneira aleatória (de forma a incentivar a comunicação de professores de diferentes escolas). Cada grupo tinha a tarefa de elaborar questões para serem realizadas em entrevista futura aos membros das comunidades quilombolas. Depois de elaboradas em grupos, as questões foram socializadas, dando espaço a um amplo debate entre os presentes. Estas perguntas foram posteriormente digitalizadas e enviadas às comunidades, como preparação para atividade seguinte de encontro entre professores e comunidades.

A equipe executora também conversou com as professoras coordenadoras das escolas de educação infantil e ensino fundamental I sobre o material didático e paradidático que seria utilizado nas escolas durante o ano escolar de 2019. As coordenadoras manifestaram as dúvidas, anseios e desejos dos professores em relação ao trabalho com projetos interdisciplinares. Foi uma atividade muito produtiva e esclarecedora para os professores e a equipe gestora.

A quarta atividade foi a ***inserção do grupo em atividade de campo da disciplina “História da África e dos Afrodescendentes no Brasil: conteúdos e ferramentas didáticas para a formação de professores do ensino médio e fundamental” ministrada pela Profa. Dra. Maria Cristina Cortez Wissenbach.*** Inicialmente a atividade prevista era um *acantonamento*, onde os professores da rede municipal iriam participar de dois dias de atividades programadas junto às comunidades, com pouso na Comunidade Ribeirão Grande. O objetivo era o de aproximar os professores das comunidades. A atividade, prevista para ocorrer no fim de março, precisou ser cancelada no último momento por falha do Serviço de Transportes da FFLCH que não havia reservado o transporte. Considerou-se inviável realizar a atividade com carro próprio pois, de um lado, o único carro disponível era o da coordenadora que não se sentiu em condições de ter

## Projeto Saberes em Diálogo Relatório Final Completo

que pegar estrada dirigindo na sexta-feira cedo após lecionar por 8hs consecutivas na quinta-feira anterior (dia em que tomamos conhecimento da não reserva do veículo) e, de outro, não seria possível o transporte de toda a equipe, o que teria comprometido o bom andamento da atividade. Devido à necessidade de ajustes das agendas dos professores da equipe e das escolas a atividade foi adiada e ocorreu apenas em maio, e ocorreu em um dia apenas.

A atividade com os professores ocorreu no seio da primeira excursão didática da disciplina História da África e dos Afrodescendentes no Brasil, realizada entre os dias 17 e 19 de maio de 2010. Dela participaram 32 pessoas entre alunos e monitores da disciplina e também quatro integrantes do projeto “Saberes em diálogo”: Yara, Igor, Lucas e Helga, os quais tiveram um papel importante nos contatos anteriores com a comunidade e na preparação estratégica da viagem, bem como no acompanhamento de toda a viagem e estadia. As atividades, precedidas por leituras e por uma aula ministrada pela Dra. Laura de Biase na disciplina ministrada pela Profa. Maria Cristina C. Wissenbach, desenvolveram-se nas comunidades quilombolas de Ribeirão Grande, onde os alunos, professora e monitores do projeto ficaram hospedados no alojamento da comunidade. Também ocorreram atividades nas comunidades de Pedra Preta e Reginaldo. Em cada uma delas foram realizadas rodas de conversa com as lideranças quilombolas, com as pessoas mais velhas delas, bem como com jovens e outras figuras ligadas às comunidades, como o padre Ari, em missa no Quilombo Reginaldo, por exemplo. Foram abordados temas como a organização das comunidades para o reconhecimento como quilombos, os vários passos legais necessários para a legalização, a religiosidade, o modo de vida de antigamente, o papel das mulheres, a questão da educação quilombola, entre outros.

No segundo dia de estadia, 18 de maio, a roda de conversa formada entre os alunos da disciplina e representantes da comunidade do Ribeirão Grande-Terra Seca contou também com a presença de alguns dos professores da rede municipal contemplados por este projeto. Os últimos participaram desta atividade no intuito de realizar uma segunda visita de reconhecimento aos quilombos, em atividade que foi denominada “Acantonamento”. O que orientou a discussão foi, principalmente, uma série de perguntas, organizadas em sete blocos temáticos - tradições/costumes; religiosidade; agricultura; história de reconhecimento; história de formação; preconceito e educação quilombola – as quais haviam sido previamente elaboradas pelos próprios professores na reunião de planejamento anteriormente descrita por solicitação da equipe do projeto.

A atividade teve início com uma roda de apresentação. Este momento foi propício para as supervisoras falarem das suas perspectivas bastante otimistas em relação ao projeto, e para demonstrar o desconforto de alguns professores, principalmente os mais resistentes à proposta da educação quilombola, o que deixou a equipe consciente das barreiras a enfrentar. À medida que as perguntas foram respondidas pelos membros da comunidade, a tensão dos professores, inclusive os mais resistentes, foi diminuindo, dando lugar a um espaço de construção coletivo, no sentido de que os últimos passaram a compreender um pouco mais sobre as formas próprias de socialização quilombola (o sentido do sagrado e de cura das práticas religiosas, as dificuldades do trabalho na roça, as dificuldades de fazer a integração dos mais jovens às tradições ancestrais, as barreiras legais ao processo de reconhecimento enquanto quilombo, etc). Alguns reviveram experiências pretéritas como professores nos quilombos, e se demonstraram interessados em pensar estratégias para levar esse conhecimento à sala de aula.

Projeto Saberes em Diálogo  
Relatório Final Completo

Em relação a esta última questão, a participação da equipe do projeto da universidade foi essencial, ao reapresentar suas etapas e objetivo final - a construção coletiva de estratégias didáticas -, insistindo no argumento de que para levar um conhecimento tradicional e local às salas de aula deve-se respeitar um processo, que é lento, mas que avança e que repercute em resultados positivos para a valorização do(a) aluno(a) quilombola. Ao final do dia, os resultados foram bastante satisfatórios, os alunos demonstraram interesse e usufruíram dessa nova forma de aprendizagem, no geral ausente do curso de História. Devido à chuva que perdurou todo o dia não foi possível realizar as atividades de campo previstas, tais como o reconhecimento físico dos quilombos e visita a áreas de cultivo. Houve a realização de um café e de um almoço comunitário preparado pelos membros da comunidade.

Em seguida tiveram início as oficinas temáticas, com a participação dos alunos e professores, as quais serão descritas a seguir. A última atividade realizada com os professores ocorreu em novembro de 2019, em reunião de ATPC coletivo, e consistiu numa avaliação das atividades do projeto e planejamento da próxima etapa. Para que se possa compreender melhor o que foi ali discutido iremos apresentá-la após a descrição das oficinas.

## **2.7 Oficinas com estudantes e professores da Rede Municipal**

A atividade envolvendo os alunos diretamente tiveram início em junho de 2019 com o formato de oficinas temáticas, cada uma abordando um tema escolhido pela comunidade. A distribuição dos anos escolares para cada oficina foi definida em comum acordo entre a coordenadora do Ensino Fundamental I e membros da equipe executora. No geral as oficinas ocorreram em dois períodos para contemplar os alunos da manhã e da tarde. Na manhã foram realizadas das 8h às 11h30 e à tarde das 13h às 16h30, sempre respeitando o turno escolar dos estudantes. Os temas tratados foram, na ordem: (1) culinária quilombola, para alunos de 3º, 4º e 5º. anos, realizada no dia 16 de junho, segunda-feira; (2) infância quilombola, para alunos de 2º e 3º anos, realizada no dia 28 de agosto, sexta-feira; (3) agricultura quilombola, para alunos do 4º e 5º anos, realizada no dia 13 de setembro, segunda-feira; (4) artesanato quilombola, realizada para os alunos do 2º ano no dia 07 de outubro, segunda-feira e (5) devoção quilombola (mesada de anjos) realizada no dia 18 de outubro, sexta-feira, com a educação infantil e 1º anos. A seguir, breve descrição de cada uma delas por comunidade.

### **2.7.1 OFICINA CULINÁRIA QUILOMBOLA**

Foram realizadas oito oficinas de culinária quilombola no dia 16 de junho, para um total de 314 alunos de 3º, 4º e 5º anos. Na parte da manhã ocorreram cinco oficinas, uma em cada comunidade quilombola. Na parte da tarde três comunidades – Pedra Preta-Paraíso, Ribeirão Grande e Terra Seca – receberam os alunos.

#### ***Período da manhã***

##### *Comunidade Quilombola Pedra Preta-Paraíso*

Os alunos do 3º, 4º e 5º anos da EMEB Bairro Rio Pardinho que participaram da atividade foram acompanhados pelas Professoras Maura, Maria Helena e Benedita. As atividades foram conduzidas na comunidade por Liane, D. Paulina e Tica. Por parte da equipe executora, a atividade foi

## Projeto Saberes em Diálogo Relatório Final Completo

acompanhada pela Profa. Iole de Freitas Druck. A atividade foi realizada na casa da D. Paulina. Liane e outras mulheres participaram da recepção às crianças e da confecção das comidas feitas que foram: pastéis de farinha recheados de carne ou de palmito e paçoca.

O ônibus escolar chegou por volta das 9h00 com cerca de 64 crianças com idades de 6 a 8 anos. Antes disso, na cozinha, preparou-se a massa dos pastéis e os recheios. Lair abriu os palmitos previamente colhidos para retirar seus miolos e cortá-los para o recheio. Numa panela foi feito o recheio de carne moída e, em outra, o de palmito. As crianças não assistiram este processo. Apenas a docente da USP pode observar esse processo inicial.

Ao chegarem, os alunos foram reunidos na sala (ao lado da cozinha) e perguntou-se se todos sabiam o que era um quilombo e de onde vinham os quilombolas. Muitos disseram que não sabiam. Houve então uma conversa sobre estes temas, onde falaram principalmente Liane, com algumas intervenções da profa. Iole e da profa. Benedita, regente da turma multisseriada que participou da oficina. Houve interesse e atenção das crianças, apesar de ainda se mostrarem um tanto tímidas.

A seguir a turma se dirigiu à cozinha, onde puderam observar a confecção de alguns pastéis que foram depois colocados para fritar no fogão à lenha. Como o espaço era pequeno para toda a turma, a professora sugeriu que se armasse uma mesa no espaço externo, em frente à casa. Isso foi feito, a massa dos pastéis e os recheios foram transferidos para uma grande mesa que foi armada. Assim a maior parte das crianças se voluntariou para montar seus próprios pastéis – atividade feita com grande prazer. Estes pastéis foram fritos à parte para que cada um pudesse comer aquele que havia montado, na hora do lanche. A participação dos alunos foi grande e o envolvimento também.

Quando já estava por acabar a massa de pastéis para serem montados, foi dado início à feitura da paçoca de amendoim no pilão. Todos participaram alegremente da atividade, fazendo questão de socar a paçoca com o pilão várias vezes. Como estavam em um grande espaço externo, eles também fizeram algumas brincadeiras, inclusive por sugestão e iniciativa da própria professora responsável.

Pouco depois das 11h00, chegou o lanche da escola, e comido junto com os pastéis e a paçoca de sobremesa. Por volta das 12h00, fizemos uma roda final de conversa com as crianças. Todos disseram ter gostado muito das atividades da oficina e de terem aprendido um pouco sobre a vida em um quilombo. Nesta altura todos queriam dar a sua opinião, estavam expansivos e bem à vontade para falar. Pareciam muito satisfeitos!

Apesar de uma relativa “desorganização” inicial dos encarregados da oficina na comunidade, avaliamos que ela acabou por fluir bastante bem. Com um pouco mais de experiência ou organização prévia, talvez as crianças pudessem ter também observado a colheita e a preparação do palmito, por exemplo, o que não aconteceu. Mas foi nítido que a vivência que tiveram no espaço da comunidade e com a culinária quilombola oportunizou às crianças uma real familiarização com a realidade da vida em um quilombo, e possibilitou a incorporação de conhecimento sobre o ambiente familiar de vários de seus colequinhas, principalmente para aqueles que desconheciam esta realidade, o que vai seguramente ao encontro dos objetivos do projeto.

## Projeto Saberes em Diálogo Relatório Final Completo



Culinária Quilombola – Pastel de milho com recheio de juçara, paçoca de amendoim. Quilombo Pedra Preta

Fotos: Lair Santos da Silva – Junho/2019

### *Comunidade Quilombola Cedro*

A oficina temática de culinária, realizada no período matutino do dia 17 de junho de 2019, na comunidade Cedro, contemplou aproximadamente 43 alunos do 4º ano da EMEB Maria Izabel Mota Ferreira, contando com o acompanhamento das professoras Susana e Delci, sendo mediada pelo monitor Igor Gabriel. A oficina teve início às 08 horas e foi realizada na casa da Dona Lurdes, contando com sua participação, além da participação de Lauriti, Grilo e de outras duas moradoras da comunidade.

Após a chegada das crianças, os membros da comunidade se apresentaram e se reuniram em roda para falar sobre a proposta da oficina de culinária e das demais oficinas que serão realizadas ao longo do projeto ***“Saberes em Diálogo: Comunidade, Escola e Universidade na Construção da Educação Quilombola em Barra do Turvo-SP”***, momento em que aproveitaram para perguntar sobre o conhecimento das crianças a respeito das comunidades quilombolas e apresentar as dependências da casa onde a atividade viria a ser realizada. O principal alimento preparado foi o pastel de farinha de milho com recheio de palmito juçara. Para isso, um grupo de alunos foi buscar os ingredientes do recheio na companhia de Dona Lurdes em uma área próxima à sua casa. Após o retorno à casa de Dona Lurdes, os membros da comunidade separaram os ingredientes e prepararam a massa para ser modelada e recheada pelos alunos, antes de serem fritos e degustados por todos. Esse processo foi observado e registrado pelos



Projeto Saberes em Diálogo  
Relatório Final Completo

alunos, contando com a explicação dos membros sobre cada uma das etapas. A atividade terminou com a degustação dos alimentos preparados e com brincadeiras realizadas pelos alunos, momento que conheceram diversos locais próximos e se preparam para se despedir e voltar à escola.



Culinária Quilombola – Pastel de milho com recheio de juçara, Quilombo Cedro

Fotos: Igor Gonçalves – Junho/2019

Projeto Saberes em Diálogo  
Relatório Final Completo

*Comunidade Quilombola Ribeirão Grande*

Participaram desta oficina 65 alunos do 3º, 4º e 5º anos da EMEB Profa. Maria Izabel Mota Ferreira, acompanhados pelas Professoras Rosemary, Adriana e Nayara. As atividades foram conduzidas por 4 membros da comunidade e mediadas pela Profa. Viviana Giampaoli, membro da equipe executora. A atividade foi realizada no Centro Comunitário ao lado do alojamento. As comidas preparadas foram canjica e paçoca.

As 65 crianças com idades de 6 a 8 anos chegaram no ônibus por volta das 8h. As crianças participaram de todo o processo de preparo da canjica, desde descascar o milho, socar no pilão com o acréscimo das cinzas, abano e peneira e, por fim, observando o cozimento no forno de lenha da cozinha. Os alunos participaram ativamente de forma alegre e entusiasta.

Após isto preparam a paçoca de amendoim no pilão, seguindo atentamente todos os passos. A dinâmica de fazer uma roda permitiu que todos tivessem a oportunidade de manusear os instrumentos de trabalho. Após o lanche fornecido pela escola, por volta das 10h30, eles degustaram como sobremesas a canjica e a paçoca.

Os alunos ajudaram também na organização do local. A roda de conversa final aconteceu pouco antes do meio-dia onde os alunos tiveram a possibilidade de tirar dúvidas e fazer comentários aos membros da comunidade sobre as receitas e benefícios à saúde. Todos os alunos ouviram atentamente as respostas, demonstrando grande interesse.



Culinária Quilombola – Canjica e Paçoca de amendoim, Quilombo Ribeirão Grande  
Fotos: Viviana Giampaoli – Junho/2019

*Comunidade Quilombola Terra Seca*

A oficina de culinária na Comunidade Quilombola Terra Seca teve por tema a produção artesanal de açúcar mascavo, rapadura e de pastéis de farinha de milho na comunidade quilombola Terra Seca, sob a supervisão de três membros do quilombo: Sr Pedro Penincha, uma das principais referências da comunidade, acompanhado de sua filha Cleide e de sua sobrinha Jane, auxiliados

## Projeto Saberes em Diálogo Relatório Final Completo

por Lucas da Silva, integrante da equipe do projeto na universidade. Esta oficina foi realizada no período da manhã, das 8h00 às 11h30. A oficina na comunidade Terra Seca contou com a participação de 24 alunos do 4º e do 5º ano do ensino fundamental I, ambas as turmas da E.M.E.B. Profº Paulo Bodo Filho.

Sr Pedro Penincha e a sua família são bastante reconhecidos no município pela sua produção artesanal e comercialização de açúcar mascavo e rapadura. Isso demonstra que eles possuem uma área de plantio de cana, as ferramentas, a técnica e o conhecimento inerentes à produção artesanal, sendo então aptos a demonstrar para os estudantes do município o processo completo de produção de açúcar, desde o corte da cana até o resfriamento do melado. Portanto, na primeira metade da manhã, os alunos observaram Sr Pedro Penincha e sua filha Cleide cortarem a cana, ajudando-os a levá-la à casa de produção. Lá, novamente os alunos observaram a moenda da cana, etapa em que se extrai o caldo, o qual foi despejado em um grande tacho, cujo aquecimento provinha de um pequeno forno à lenha construído no chão.

Enquanto o caldo era despejado no tacho quente pelo Sr Penincha, sua filha Cleide, com uma colher de madeira de cabo cumprido mexia o caldo na panela constantemente, evitando a formação de bolhas. Em cerca de 30 minutos, o caldo foi engrossando e formando o melado da cana. Ao atingir o ponto o melado foi extraído da panela com o uso de uma ferramenta específica, e transportado até uma forma de madeira, para ser resfriado, processo que dá origem à rapadura. O processo completo foi passível de ser observado pelas crianças, pois foi feita uma produção em pequena quantidade, com o intuito específico de demonstração. Após estar frio a rapadura é quebrada e pilada até virar açúcar. A produção de açúcar em quantidades maiores leva cerca de um dia para ser completamente realizada. Os alunos puderam provar algumas pedras de açúcar após o resfriamento completo do melado e quebra das rapaduras formadas.

Após a produção de açúcar, as crianças acompanharam Jane na produção de pastéis de farinha de milho. A mesma, com o auxílio das professoras, organizou as crianças em fileiras, para distribuir uma quantia determinada da massa para cada uma. Quando todos os alunos estavam com um pouco de massa nas mãos, Jane explicou como ela havia preparado a massa e quais os melhores meios de modelá-la para depois colocar o recheio. O recheio de todos os pastéis foi um refogado de pupunha, uma espécie de palmito que Jane cultiva na sua área de roça em sistema agroflorestal. Jane também contou para os alunos que o recheio provém de uma agricultura orgânica, que ela mesma desenvolve, afirmando que o alimento que estão preparando tem origem no próprio quilombo, e não no mercado. Após a modelagem da massa, os alunos fizeram uma fila para que Jane colocasse o recheio e fechararam os pastéis para fritar. Enquanto os pastéis estavam sendo fritos, as crianças brincaram no terrero. Por fim, todos comeram e partiram de volta para escola.



Projeto Saberes em Diálogo  
Relatório Final Completo



Culinária Quilombola – Rapadura e Pastel de milho com recheio de pupunha, Quilombo Terra Seca  
Fotos: Lucas Martinez da Silva – Junho/2019

*Comunidade Quilombola Reginaldo*

Os 43 alunos do 5º ano da Escola Profa. Maria Izabel Mota Ferreira que participaram da atividade foram acompanhados pela Professora Elani e pelo Prof. Pedrinho e mais duas auxiliares. As atividades foram conduzidas na comunidade por Marizaura, Sr. Anesio, Leonilde e Ivanilda. Por parte da equipe executora, a atividade foi acompanhada pela Profa. Valeria de Marcos. A atividade foi realizada na casa do Sr Anésio.

## Projeto Saberes em Diálogo Relatório Final Completo

A atividade iniciou-se com uma apresentação realizada por Marizaura sobre alguns dos principais gêneros agrícolas consumidos pela comunidade e que estariam presentes nos pratos preparados pelas cozinheiras. Inicialmente apresentou o milho, em espiga, que foi debulhado pelas crianças. Mostrou o pilão onde é pilado para produzir a quirera (mostrou como fica). Explicou como faz a farinha (ainda produzida por alguns integrantes da comunidade) e mostrou a farinha. Falou dos vários preparos com o milho e a farinha, entre eles a canjica com amendoim, o bolinho de farinha de milho e polvilho também preparado pelas cozinheiras, o pastel de carne ou palmito com massa de farinha de milho (apenas informado). Fez o mesmo para o café, que foi apresentado em seus diferentes estágios – grão maduro, seco, pilado, em pó e preparado. Havia café no pilão e os alunos e professores passaram por ele, para pilar o café. O prof. Pedrinho levou os alunos para ver os pés de café próximos da casa onde as atividades estavam sendo realizadas. Sr. Anésio havia também separado algumas miniaturas feitas por ele de instrumentos de trabalho, como a roda de ralar mandioca, o escaçador para preparar a garapa da cana e o monjolo para pilar o milho e produzir a farinha. Ele apresentou aos alunos cada um deles, explicando sua utilização.

Em seguida os alunos passaram a se distribuir pelas diferentes atividades em grupos pequenos: visitar os pés de café, pilar o café, debulhar o que tinha sobrado do milho, aprender sobre os instrumentos de trabalho, acompanhar as cozinheiras no preparo do bolinho de milho. Como as crianças se mostraram bastante interessadas, as cozinheiras decidiram dobrar a receita de bolinho de milho e fazer outro bolo de banana, sendo que dessa vez foram as crianças as responsáveis pelo preparo. O fim da atividade se deu com a degustação de todos os alimentos preparados: canjica com amendoim, bolinho de milho, bolo de banana, café caipira.

Após a Profa. Elani reuniu os alunos junto com o Sr. Anésio e a Sra Antonia, sua esposa, e foi realizada uma entrevista sobre a origem da comunidade e a vida antigamente. Os alunos acompanharam atentamente. Como atividade didática foi solicitado aos professores que trabalhassem com a redação das receitas (gênero literário) e com os cálculos de proporção para a elaboração delas. A atividade encerrou-se por volta das 11h30 e teve uma avaliação muito positiva por parte dos professores e estudantes, que saíram bastante animados com o dia passado na comunidade.



## Projeto Saberes em Diálogo Relatório Final Completo



Culinária Quilombola – Bolinho de milho, bolo de banana, café caipira, canjica com amendoim  
Quilombo Reginaldo

Fotos: Valeria de Marcos – Junho/2019

### ***Período da tarde***

#### ***Comunidade Quilombola Pedra Preta-Paraíso***

A oficina de Culinária realizada no período vespertino na comunidade Pedra Preta-Paraíso contemplou aproximadamente 27 alunos do 4º e 5º ano da EMEB. Bairro Paraíso Manecão, acompanhados pelo Prof. Francisco Xavier da Costa e um técnico da escola, sendo mediada pela Profa. Viviana Giampaoli e pelo monitor Igor Gabriel. A oficina teve início às 14 horas e foi realizada na propriedade da Dona Lurdes e de seu marido, contando com o auxílio da Tica, Liane e Lair.

Após a chegada dos alunos, os membros da comunidade se organizaram em roda para realizarem uma conversa inicial antes de prepararem os alimentos planejados para a oficina. Com o início da fala realizada por Lair, os membros da comunidade se apresentaram e conversaram com os alunos sobre o que conheciam das comunidades quilombolas de Barra do

Projeto Saberes em Diálogo  
Relatório Final Completo

Turvo e sobre o que é ser quilombola, perguntando sobre o que achavam e falando brevemente sobre a história de consolidação das comunidades no município.

Após esse momento inicial de contextualização, foi realizada uma visita de reconhecimento do local e da casa principal e foi organizada uma mesa em frente à casa da Dona Lurdes para o preparo de pastéis de farinha de milho com recheio de palmito juçara. Após lavarem as mãos, diversos alunos botaram a mão na massa para que esta ganhasse consistência e pudesse ser repartida em pedaços menores para que cada um dos alunos montasse seus pastéis que foram, em seguida levados para fritar na cozinha.

Ao término da preparação dos pastéis, os membros da comunidade organizaram os materiais para a paçoca que seria preparada pelos alunos. Para isso, foi separado o pilão, o amendoim e a farinha de milho para que os alunos pudessem pilar até o ponto em que a paçoca estivesse pronta para ser degustada. Após a preparação, os alunos ficaram livres para brincar e explorar a área da comunidade e por fim se despediram dos membros para retornarem à escola. A oficina encerrou-se por volta das 16h30, quando os alunos retornaram para as suas casas



## Projeto Saberes em Diálogo Relatório Final Completo



Culinária Quilombola – Pastel de milho e juçara, paçoca - Quilombo Pedra Preta-Paraíso

Fotos: Igor Gonçalves – Junho/2019

### *Comunidade Quilombola Ribeirão Grande*

No período da tarde, foi realizada uma segunda oficina de culinária na comunidade do Ribeirão Grande. Semelhante à primeira, os membros da comunidade ensinaram aos alunos como preparar canjica e paçoca, comidas típicas da culinária quilombola. No período da tarde, a oficina foi supervisionada por Vanilda, a presidente da associação quilombola, Jacaré, Dona Isaíra e Dona Claesdina, importantes referências para a comunidade. Também houve a contribuição do aluno de graduação Lucas da Silva, integrante da equipe do projeto. Participaram da oficina 28 alunos do 3º, 4º e 5º anos do ensino fundamental I, de sala multisseriada da EMEB. Profª Marina das Dores Domingues Moura, conhecida com Escola da Água Quente, acompanhados pelo Prof. José Antonio e uma auxiliar.

Em decorrência do atraso do ônibus que levou os alunos, o tempo para a oficina foi reduzido, fazendo com que a preparação da canjica não fosse demonstrada, pulando para a preparação da paçoca. Como havia sobrado bastante canjica da oficina realizada no período da manhã, a atividade iniciou-se com a degustação da canjica enquanto os membros da comunidade agradeciam a presença de todos e explicavam como é realizado o preparo da canjica.

De acordo com os procedimentos dos membros da comunidade, a primeira etapa da produção foi levar o amendoim à uma panela no fogão à lenha, fazendo com que ele fosse torrado. Após esta etapa, com uma peneira artesanal, Dona Isaíra e Dona Claesdina demonstraram para as crianças como a casca do amendoim é desprezada quando estes são jogados ao alto e caem de volta na peneira, o que chamou atenção em virtude do movimento preciso exercido pela Dona Isaíra e pela Dona Claesdina com a peneira. Na sequência, o Sr Jacaré trouxe dois pilões e os posicionou em lados opostos, para que a turma se dividisse e acompanhasse com mais conforto e visibilidade a pilagem do amendoim e preparo da paçoca. O amendoim foi despejado igualmente nos dois pilões, e em seguida foi coberto por uma determinada quantia de açúcar mascavo, deixando pronto para a próxima etapa. Sr Jacaré se posicionou ao lado de um pilão, enquanto Vanilda se posicionou ao lado de outro, ambos começaram a pilar o amendoim, mostrando para as crianças a melhor forma para realizar a atividade. Eles explicaram que a parte inferior do bastão de madeira deve sempre bater no centro da parte côncava do pilão, atingindo desta forma a maior quantidade de amendoim possível.

A Escola da Água Quente, por ser uma escola rural e muito próxima aos quilombos, principalmente o do Ribeirão Grande-Terra Seca, e atende muitos alunos quilombolas. Por esta razão, quando foi a vez dos alunos socarem o pilão, muitos demonstraram-se bastante habilidosos, não apresentando dificuldades em exercer os movimentos. Os alunos que não eram quilombolas pediram auxílio dos que eram em busca de desempenhar melhor a atividade. Desta



## Projeto Saberes em Diálogo Relatório Final Completo

forma, a produção da paçoca foi concluída pelas próprias crianças, supervisionadas pelos membros da comunidade. Após terem se servido de paçoca, retornaram para a escola.



Culinária Quilombola – Paçoca de amendoim- Quilombo Ribeirão Grande  
Fotos: Lucas Martinez Silva – Junho/2019

### *Comunidade Quilombola Terra Seca*

Os 20 alunos do 3º e 4º anos da Escola Rural EMEB Joaquim Jesus de Oliveira Paula, do Bairro de Indaiatuba que participaram da atividade foram acompanhados pela Professora Bernadete e por duas auxiliares da escola. As atividades foram conduzidas na comunidade por Jane e Dona Aparecida. Por parte da equipe executora, a atividade foi acompanhada pelas Profas. Iole Druck e Valeria de Marcos. A atividade foi realizada na casa da Sra Aparecida.

A atividade iniciou-se com uma fala de boas-vindas feita por Jane e Dona Aparecida, falando sobre a comunidade, a atividade que realizaríamos e a origem das receitas que iríamos preparar (paçoca de amendoim e cuscuz de mandioca com amendoim). Em seguida Jane mostrou a todos como preparar o cuscuz de mandioca, indicando como ralar a mandioca, acomodá-la em um pano de prato limpo e torcê-la para a retirada do líquido (que é separado, pois nele naturalmente é depositada a goma – tapioca, para uso posterior). À parte um tanto de amendoim foi tostado no fogo em uma panela, para depois ser acrescentado à massa composta por mandioca crua ralada e seca, o ingrediente principal do cuscuz. Junto ao amendoim foram acrescentados os outros ingredientes (óleo e sal). Os ingredientes são colocados em uma bacia, misturados e sovados com as mãos. Aos poucos a massa vai se formando sendo a liga entre os ingredientes facilitada pelo óleo. A mistura foi embalada em outros panos de prato limpos e acomodada em cuscuzeiras. O cuscuz foi cozido em banho maria por meia hora.

Em seguida fomos todos para fora, onde o pilão estava posto para iniciarmos o preparo da paçoca de amendoim. O amendoim havia sido previamente torrado e a atividade iniciou-se com o abano do amendoim para retirar a casca, atividade que foi realizada por Jane, D. Aparecida, Profa. Bernadete e alguns alunos. Em seguida o amendoim foi colocado no pilão junto com a farinha de milho, sal e açúcar. D. Aparecida iniciou a pilar para mostrar como era. Aos poucos

Projeto Saberes em Diálogo  
Relatório Final Completo

formou-se uma fila e os estudantes, professores, auxiliares e membros da equipe e da comunidade foram se alternando para pilar a paçoca. Alguns estudantes repetiram várias vezes a atividade, demonstrando estarem gostando. O preparo durou quase 1 hora, e de tempos em tempos D. Aparecida ou Jane provavam para ajustar o tempero. Nesse mesmo tempo o cuscuz ficou pronto.

Na sequência outras filhas de Dona Aparecida que estavam acompanhando com mais distância a atividade se animaram e convidaram todos a presenciarem a moagem da cana para preparo da garapa. Enquanto isso Dona Aparecida preparou um café caipira e com a finalização da paçoca foi servido o lanche com cuscuz, paçoca, banana, garapa e café. As crianças demonstraram muita felicidade em terem contribuído para o preparo da paçoca e comeram e repetiram até se fartarem. O lanche que havia sido levado pela escola foi levado intacto de volta para casa.

Como atividade didática foi solicitado aos professores que trabalhassem com a redação das receitas (gênero literário) e com os cálculos de proporção para a elaboração delas. A atividade encerrou-se por volta das 17h00 e teve uma avaliação muito positiva por parte da professora, colaboradoras e estudantes, que saíram bastante animados com o dia passado na comunidade.



Projeto Saberes em Diálogo  
Relatório Final Completo



Culinária Quilombola – Cuscuz de Mandioca com amendoim, Paçoca de amendoim, Caldo de Cana-  
Quilombo Terra Seca

Fotos: Valeria de Marcos – Junho/2019

### 2.7.2 OFICINA INFÂNCIA QUILOMBOLA

As seis oficinas foram realizadas no dia 23 de agosto atingiram 143 alunos de 1º, 2º e 3º anos das escolas municipais, escolhidos pelas supervisoras de ensino para participar das atividades propostas pelas comunidades em conjunto com a equipe da universidade. As oficinas foram realizadas uma no período da manhã (na Comunidade Quilombola Terra Seca) e cinco no período da tarde, uma em cada comunidade quilombola.

#### ***Período da manhã***

##### *Comunidade Quilombola Terra Seca*

Participaram da oficina 20 alunos de 2º e 3º anos da E.M.E.B. Profº Paulo Bodo Filho, localizada no Bairro do Barreiro. Os alunos foram acompanhados pelo Professor Edson e uma auxiliar da escola. As atividades foram realizadas na sede da Associação da Comunidade Terra Seca e conduzidas na comunidade por Vanilda, Dona Dolíria e Sr. Joaquim (Jacaré). Por parte da equipe executora, a atividade foi acompanhada pelas Profas. Iole Druck, Fernanda Padovesi e Valeria de Marcos, pela Mestre Yracê M. B. Rego, pela estudante de Pós-Graduação em Geografia Helga Kress Meirelles e pelos estudantes de graduação em Geografia Lucas Martines e Igor Gonçalves.

A atividade iniciou-se às 8h com o acolhimento dos professores e alunos, realizado pela equipe executora enquanto os membros da comunidade não chegavam. Na sequência, com a chegada de Vanilda, foi feita uma apresentação da comunidade e introduzida a atividade do dia. Os membros da comunidade trouxeram alguns materiais para confecção de brinquedos como sabugo, palha, grãos de milho secos, gravetos, corda e outros, mostrando algumas brincadeiras que podiam ser realizadas de forma simples com esses materiais, lembrando do tempo em que eram crianças, quando não havia dinheiro, facilidade para ter acesso a brinquedos produzidos

Projeto Saberes em Diálogo  
Relatório Final Completo

por indústrias e a criatividade era bastante estimulada. No início, enquanto os estudantes ainda estavam tímidos, a atividade foi conduzida coletivamente. A primeira brincadeira foi a de **torre de espiga de milho**, onde o objetivo era apresentar uma construção com espigas que ficasse em pé. Ganhava quem conseguisse construir uma torre com mais espigas.

Com a chegada de Dona Dolória e Sr. Joaquim as atividades foram se diversificando. A brincadeira seguinte, feita ainda de forma coletiva, foi a produção de boneca de sabugo de milho, utilizando os sabugos, gravetos para fazer os braços e pernas, pequenos limões para fazer a cabeça e um pouco de cabelo de milho para o cabelo. Nesse momento as meninas ensinaram aos membros das comunidades e equipe do projeto como fazer bonecas com blusas de frios e todos passaram a produzi-las. Alguns membros das comunidades ensinaram também os meninos a produzirem os carrinhos com sabugos e gravetos.

Os grãos do milho e uma peneira foram usados para o jogo de búzios, brincadeira em que se separam os grãos de milho e, com o auxílio de um pedaço de carvão, se pintam alguns com olhinhos escuros. Cada jogador joga os grãos de milho como se jogasse um dado (são 5 para cada partida) e retira aqueles que ficam com o olhinho preto para cima. Os jogadores definem quando parar: após um certo número de rodadas, até que alguém consiga acumular um certo número de grãos de milho ou outro objetivo decidido por todos. Quando a Prof. Iole, da matemática, participou da brincadeira, introduziu a contagem com base três. Foi bastante interessante ver como alguns alunos conseguiram entender e rapidamente contar enquanto outros ainda permaneciam contando por unidade. A brincadeira envolveu várias crianças em grupos alternados e foi bastante apreciada por todos.

Outro brinquedo compartilhado com as crianças foi a peteca, confeccionada com palha de milho pelos membros das comunidades na hora para que as crianças vissem como fazer. O espaço de entrada do salão da Associação foi o lugar preferido para a brincadeira de peteca entre as crianças, professores e membros da equipe do projeto.

As crianças também brincaram de pular corda, participaram de uma roda de cantigas com diferentes músicas lembradas por elas e pelos membros mais velhos da comunidade e brincaram de “resta um”, brincadeira em que duas pessoas representam cada uma delas uma fruta e as crianças seguem andando em círculo até a cantiga parar, nesse momento a criança que estiver entre essas duas pessoas é pega e tem que escolher em segredo uma fruta, indo para o lado que a representa. Ganha a fruta com mais pessoas e o último o a ser pega deve pagar uma prenda.

Por volta das 10h30 as crianças fizeram uma pausa para o lanche e continuaram brincando de diversas brincadeiras até que se aproximasse do horário de retorno à escola, ocorrido às 11h30, levando consigo como recordação os brinquedos que haviam produzido.



Projeto Saberes em Diálogo  
Relatório Final Completo



## Projeto Saberes em Diálogo Relatório Final Completo



Infância Quilombola – Torre de Sabugo, Boneca de Sabugo, Peteca, Búzios, Corda, Ciranda, Berbero da Cruz- Quilombo Terra Seca

Fotos: Equipe Projeto Saberes em Diálogo - agosto/2019

### ***Período da tarde***

#### *Comunidade Quilombola Pedra Preta*

A oficina realizada na comunidade quilombola Pedra Preta-Paraíso, teve a supervisão da Dona Paulínea, uma importante referência para a comunidade, do Sr José Alvarenga, Vice-Presidente da Associação do quilombo e da Tica, Presidente da Associação. Os membros da comunidade tiveram o auxílio de Helga Kress Meirelles e de Lucas da Silva, membros da equipe do projeto. Esta oficina contemplou o 3º ano C da Professora Patrícia, uma turma de 22 alunos, da E.M.E.B. Profª Maria Izabel Mota Ferreira.

O intuito desta oficina foi o de demonstrar para as crianças da escola os principais meios de socialização infantil das gerações mais antigas da comunidade. Neste sentido, as 22 crianças foram convidadas a brincar e produzir brinquedos característicos da tradição quilombola. A primeira etapa da oficina consistiu na produção de petecas de palhas de milho. Sr José Alvarenga distribui as palhas no chão, e a Dona Paulínea orientou a todos como produzir uma peteca. Após a demonstração chegou a vez das crianças tentarem. Com o auxílio dos membros da comunidade, cada criança fez uma peteca para levar para casa. Enquanto a tarde decorria, algumas crianças chegaram a confeccionar cinco petecas, e constantemente brincavam em grupos de três a cinco no grande terreiro da casa da família de Dona Paulínea, onde a oficina estava sendo realizada.

Após a produção de petecas, os membros da comunidade, os alunos da universidade, a professora e a sua turma formaram uma grande roda para brincar de ciranda. Os cânticos da roda foram puxados pela Zélia, que assegurou serem esses os mais cantados da sua época de infância. Com o término da ciranda, Dona Paulínea demonstrou a todos como se confecciona uma boneca de sabugo de milho e pano, com as quais brincava quando era criança. Como tinham poucos sabugos de milho, apenas algumas crianças fizeram a boneca, enquanto outras continuaram a brincar com suas petecas. Assim, se encerrou a tarde, as crianças foram embora com suas petecas e bonecas, brinquedos de antigamente.

## Projeto Saberes em Diálogo Relatório Final Completo



Infância Quilombola – Boneca de Sabugo, Peteca, Ciranda - Quilombo Pedra Preta-Paraíso  
Fotos: Equipe Projeto Saberes em Diálogo - agosto/2019

### *Comunidade Quilombola Cedro (tarde)*

Os 21 alunos do 2º e 3º anos da Escola Maria Izabel (sede, Barra do Turvo) que participaram da atividade foram acompanhados pela Professora Regiane e uma auxiliar da escola. As atividades foram conduzidas na comunidade por Lauriti, Viola e Ditão. Por parte da equipe executora, a atividade foi acompanhada pela Profa. Valeria de Marcos. A atividade teve início às 14h e foi realizada na sede da Associação da Comunidade Cedro.

A atividade iniciou-se pelo acolhimento dos professores e alunos realizados por Lauriti, que fez também uma apresentação da comunidade e, auxiliada por mim, introduziu a atividade do dia. No início, enquanto Ditão e Viola não chegavam, iniciamos uma brincadeira no campo de futebol de **telefone mudo**. A brincadeira constava de uma pessoa dizer no ouvido da outra uma frase e essa frase ser repassada para o outro sempre no ouvido. Ao final do giro a última pessoa deveria dizer o que chegou até ela e a pessoa que havia dito a frase deveria dizer o que tinha dito ao primeiro. Em nenhuma vez a frase chegou igual e os alunos se divertiram ao ver quão distorcida chegava a frase inicialmente pronunciada. O ciclo foi repetido por 4 ou 5 vezes até que Ditão e Viola chegaram.

Em seguida Ditão se aproximou, saudou a todos e falou de algumas brincadeiras que tinha na sua infância e das brincadeiras que tinha trazido para serem realizadas ali (argola, cavalinho de pau e perna de pau). A segunda brincadeira realizada foi a de **lenço atrás**. A professora escolheu um aluno para começar e a brincadeira teve início. O aluno escolhido girava com uma peteca na mão, na ausência de um lenço, ao redor dos demais que permaneciam sentados. Deixava a peteca e saía correndo. A pessoa que estava com a peteca atrás deveria correr atrás para pegá-lo. A pessoa que havia deixado a peteca deveria correr todo o círculo e se sentar no lugar daquela que a perseguia. Nova rodada se iniciava. O ciclo foi repetido por umas 10 vezes.

A terceira brincadeira foi **de roda** e brincamos de ciranda cirandinha, com o ciclo dos poemas repetidos por umas 5 vezes. A partir de então os alunos foram subdivididos em grupos. Um deles foi brincar de **cavalinho de pau**; outro foi aprender a fazer peteca e depois passou a brincar de peteca; outro foi brincar de perna de pau e um quarto foi brincar de argola. Em todas as atividades um membro da comunidade acompanhou para ensinar como era a brincadeira. Em algumas, como o cavalinho de pau, as crianças rapidamente passaram a conduzi-la sozinhas. Em outras, como a **perna de pau**, Ditão mostrou como fazia, as crianças formaram uma fila e passaram a se alternar para tentar. Ele permaneceu por um tempo acompanhando a atividade e quando viu que não tinha mais perigo deixou as crianças por conta e foi ensinar a brincar de **argola**. Formaram-se várias duplas e chegou a ocorrer um campeonato. Ditão acompanhou todo

## Projeto Saberes em Diálogo Relatório Final Completo

o tempo para fazer a contagem dos pontos. Enquanto isso, Viola ensinava um grupo de crianças a preparar **peteca** com palha de milho e depois a jogar peteca. A brincadeira durou um longo tempo e as crianças se divertiam ao preparar as petecas, levando-as para casa.

Por volta das 15h30 as crianças tomaram lanche e por volta das 16h, a pedido, passaram a jogar **futebol**, meninos contra meninas, atividade que integrou outras crianças da comunidade e eu própria a convite das crianças. A atividade se encerrou por volta das 17h00. Como atividade didática ela complementou a discussão sobre brincadeiras que os alunos estavam realizando em sala.



Infância Quilombola – Telefone Mudo, Lenço Atrás, Peteca, Cavalinho de Pau, Perna de Pau, Ciranda, Futebol - Quilombo Cedro

Fotos: Valeria de Marcos - agosto/2019

### *Comunidade Quilombola Ribeirão Grande*

Os 20 alunos do 1º, 2º e 3º anos da EMEB Marina das Dores Rodrigues Moura (Água Quente) que participaram da atividade foram acompanhados pela Professora Maria Elizabete e uma auxiliar da escola. As atividades foram conduzidas na comunidade por Nilce, Dona Isaíra, Dona Alexandra e Dona Osminha. Por parte da equipe executora, a atividade foi acompanhada pela Profa. Iole Druck. A atividade teve início às 14h e foi realizada na sede da Associação da Comunidade.



Projeto Saberes em Diálogo  
Relatório Final Completo

Antes das crianças chegarem, a Profa. Iole notou que elas não haviam se preparado muito para a participação das crianças. Tinham uma boneca de espiga de milho montada para montar e muita palha para fazerem petecas. A professora contou como havia sido a atividade pela manhã na Comunidade Terra Seca e pediu para que arrumassem mais panos e sabugos de milho para que as crianças pudessem também fazer suas bonecas. Falou do jogo de búzios e foram buscar espigas de milho com milho para o jogo. Perguntou sobre brincadeiras de roda e lembraram-se do “Berbero da Cruz”. Quando as crianças chegaram, já estavam mais preparadas para recebê-las.

O ônibus escolar chegou por volta das 14h00. Primeiro foi feita uma conversa para apresentação da comunidade. Neste caso quase todas tinham já conhecimento sobre o que fosse uma comunidade quilombola, mesmo não conhecendo como e por que os quilombos se formaram. A conversa foi um tanto elaborada em demasia para a faixa etária das crianças. Quem explicou a vinda dos quilombolas e a condição de vida deles nos quilombos foi principalmente a Nilce. As crianças estavam tímidas e pouco perguntaram ou responderam às questões colocadas.

Com o início das brincadeiras o ambiente começou a esquentar e a participação delas também. Ao final estavam todas envolvidas, querendo produzir os brinquedos e participaram alegremente das brincadeiras de roda. Foram realizadas as brincadeiras de:

**1. Búzios (com grãos de milho secos):** Essa brincadeira não funcionou tão bem como no período da manhã, no quilombo Terra Seca. Nem todos se envolveram e logo cansaram da brincadeira. A Profa. Iole tentou estimulá-los, mas não foi bem-sucedida.

**2. Confecção de Petecas de palha de milho:** cada criança fez a sua, orientada pelas integrantes da comunidade. Essa atividade envolveu todas as crianças. Brincaram muito com as petecas feitas e cada criança levou a sua para casa.

**3. Bonecas de sabugo de milho com retalhos de tecido:** foram confeccionadas a partir do modelo apresentado a elas. Como não havia sabugo de milho ou tecido para todos, apenas as meninas puderam levar bonecas para casa, apesar de todos terem se envolvido na confecção. Foi interessante a participação dos pequenos com essa atividade.

**4. Brincadeiras do “Berbero da Cruz”:** todos participaram, mas a dinâmica não pareceu agradar muito ou divertir muito as crianças. As regras do que deveria acontecer não foram muito bem explicadas inicialmente.

**5. Roda Cotia:** essa brincadeira foi bem animada, principalmente as meninas comandaram os cantos e todos participaram alegremente. Essa brincadeira foi a última, e foi realizada depois do lanche, por iniciativa das próprias crianças.

Durante o lanche a Profa. Iole tentou fazer uma roda de conversa com as crianças. Todos disseram que tinham gostado muito, mas não quiseram prolongar comentários. A atividade se encerrou por volta das 17h15. Entraram no ônibus muito satisfeitos e alegres com a tarde de brincadeiras no quilombo.

Projeto Saberes em Diálogo  
Relatório Final Completo



Infância Quilombola – Roda Cotia, Buzios, Peteca, Berbero da Cruz, Bonecas de Sabugo de Milho -  
Quilombo Ribeirão Grande  
Fotos: Iole Druck - agosto/2019

*Comunidade Quilombola Terra Seca*

No período da tarde a oficina foi realizada pelas representantes quilombolas Vanilda, Dolíria, Clarisdina, Eva, Nadir, Dalcides e Sr Penicha. Participaram cerca de 20 alunos da EMEB Profa. Maria Izabel Mota Ferreira, do 2º ano C, da professora Adriana, auxiliada pelo inspetor Neninho. A atividade foi mediada por Yaracê M. B. Rego, membro da equipe executora.

Enquanto esperava Vanilda e Dolíria, Yara separou e dispôs pelo espaço o material que havia sobrado da oficina do período da manhã: espigas e palhas de milho, gravetos, grãos de milho e cordas. Aos poucos as quilombolas foram chegando trazendo mais material para as oficinas.

Enquanto aguardavam a chegada dos alunos conversaram sobre a experiência da manhã, as brincadeiras e as percepções que elas tinham “das crianças de hoje”. Havia uma queixa de que as crianças não sabiam brincar, de que são acomodadas porque “só querem os brinquedos prontos e comprados (e caros)” e, principalmente, de que são dependentes do celular. Os comentários e “causos” sobre o celular trouxeram também à tona uma ideia de que as crianças de hoje são mais inteligentes/espertas, porque têm muita habilidade de mexer com aparatos eletrônicos. Elas contavam, impressionadas, das crianças da família que, mesmo ainda não alfabetizadas (ou até sem saber falar), já conseguiam buscar nos aparelhos eletrônicos os jogos, vídeos e músicas de seu interesse.

Quando chegou o ônibus da escola Yara foi recepcionar os alunos e professores na entrada da comunidade. A recepção dos alunos envolveu uma roda de conversa inicial em que, a partir de perguntas disparadoras, foi possível perceber que compreensão tinham sobre a comunidade e o termo quilombola. Assim, na varanda da sede, os quilombolas puderam explicar um pouco sobre sua história, seus trabalhos, sua relação com o território e algumas de suas tradições.

Sr Penincha contou que “quilombo é resistência”, que foi construído por gente que trabalhava, mas não aceitava a escravidão. Era gente que fugia para encontrar uma terra para viver bem, que se preocupava com a natureza e com uma produção de coisas saudáveis e sem veneno. Disse ainda que

Projeto Saberes em Diálogo  
Relatório Final Completo

sabia de tudo isso porque os mais velhos lhe contaram. Vanilda explicou que quando eram crianças não existiam tantos brinquedos desses que hoje se compram na cidade e pouco depois se joga fora gerando lixo. As gerações quilombolas anteriores brincavam com o que a natureza oferecia e com as coisas que sobravam do trabalho na roça. Segundo Vanilda, isso construía outra relação com o brinquedo mais sustentável, pois ele era descartado e devolvido à natureza após o término da brincadeira, para apodrecer e virar adubo. Foi interessante que no grupo havia dois meninos que viviam em comunidades quilombolas, um deles neto de Dona Eva, e ficaram com vergonha de explicar o que era uma comunidade quilombola.

Após esse momento, convidamos as crianças para entrar na sede e Vanilda começou a explicar a brincadeira de construir torres com os sabugos do milho. A professora Adriana separou os alunos em pequenos grupos de meninos e meninas e foi indicando quem iria começar a experimentar construir suas próprias torres. O início foi bem silencioso e os alunos ficavam compenetrados em suas construções.

A brincadeira seguinte começou com Vanilda e Dolíria construindo as bonecas de sabugo e palha de milho. Elas montaram algumas e foram no mato colher mais insumos, acompanhadas de algumas crianças que, depois desse momento, passaram a se soltar mais. Ficaram então um bom tempo montando seus bonequinhos, carrinhos e outros objetos. Aos poucos as quilombolas iam começando outras brincadeiras com grupos menores, de modo que em 1h as crianças já estavam realizando várias atividades concomitantemente.

Além destas, as brincadeiras foram:

**Confecção de Peteca com palha de milho:** juntavam várias palhas, dobrando e apertando, até formar uma peteca. Em seguida jogavam com muita empolgação e algumas petecas iam se desfazendo, mas as crianças seguiam remendando.

**Búzios:** Alguns grãos de milho seco são pintados de preto com carvão. Jogavam-se os milhos numa peneira e contavam a quantidade de milhos que caíram com a parte preta virada para cima. O jogador da vez acumulava essa quantidade de milhos até que enjoassem e parassem de brincar. O ganhador então era aquele que tivesse mais milhos com olhinhos pretos.

A professora Adriana fez uma pausa para o lanche e as crianças foram parando com essas brincadeiras iniciais. De volta à varanda, Dolíria e Vanilda começaram a brincadeira **Berbere da Cruz**<sup>3</sup>. Elas fecharam um arco e as crianças iam passando por baixo em roda, cantando versos. Quando a cantiga parava a criança que estivesse sob o arco era capturada e escolhia um lado para ficar fora da roda. Ganhava o lado que tivesse mais crianças ao final. Nessa brincadeira a explicação ficou um pouco confusa, mas as crianças foram se animando com as próprias adaptações e improvisos.

Uma vez na varanda, as crianças passaram a brincar mais livremente com a peteca. Aos poucos foram introduzindo brincadeiras mais comuns em seu cotidiano e que gostavam de fazer, como variações de pega-pega e esconde-esconde.

Por volta de 16h o ônibus chegou para buscar as crianças. As crianças foram reunidas rapidamente por Yara para tomar impressões das atividades do dia. O grupo no geral se mostrou muito satisfeito com a experiência.

---

<sup>3</sup> Nome escrito conforme Vanilda soletrou

## Projeto Saberes em Diálogo Relatório Final Completo



Infância Quilombola – Torre de Sabugo, Boneca de Sabugo, Peteca, Búzios, Berbere da Cruz - Quilombo Terra Seca

Fotos: Yarácê M. B. Rego - agosto/2019

### *Comunidade Quilombola Reginaldo*

A oficina temática de infância, realizada no período vespertino na comunidade Reginaldo, contemplou aproximadamente 40 alunos do segundo ano da E.M.E.B Profª Maria Izabel Mota Ferreira acompanhados pelas professoras Sônia Maria A. de Campos e Maria Alice Gomes de Souza e com a mediação da professora Fernanda Padovesi Fonseca e do monitor Igor Gabriel Rodrigues Gonçalves. Seu início se deu às 14 horas e foi realizada em frente à casa do Sr Anésio e de sua família.

Ao chegarem no local, as crianças se acomodaram nos diversos bancos preparados em frente à casa do Sr Anésio para uma apresentação inicial. Este primeiro momento contou com uma fala do Sr Anésio sobre sua trajetória na comunidade Reginaldo e sobre o processo de consolidação dos membros nas comunidades quilombolas de Barra do Turvo, passando pela história das primeiras famílias presentes na região até chegar aos dias de hoje. Além disso, Sr Anésio comentou sobre algumas temáticas tradicionais quilombolas como a devoção e a prática da mesada de anjo, até chegar nas brincadeiras realizadas por ele na infância.

Em um segundo momento, Sr. Anésio mostrou aos alunos suas diversas miniaturas de instrumentos de trabalho tradicionais e separou alguns materiais para a preparação das

## Projeto Saberes em Diálogo Relatório Final Completo

brincadeiras. No momento das brincadeiras, estas foram ensinadas tanto por ele, quanto pelas crianças, sendo brincadas simultaneamente por diferentes grupos. Entre as brincadeiras estavam: peteca, bolinha de gude, pular-corda, jogar-bola, cabo-de-guerra e brincadeiras de roda com cantigas e bola.

Após o lanche, Sr Anésio também lembrou da brincadeira conhecida popularmente como “bobinho” ou “roda de bobo”, jogo em que se forma uma roda com uma pessoa no centro, sendo que esta tenta interceptar a bola arremessada pelos demais. Além desta brincadeira, mais ao término da oficina, as crianças convidaram Sr Anésio para brincar de “gato e rato”, jogo em que uma criança representa o gato e outra o rato. Os demais participantes formam uma roda na qual duas crianças devem ficar de costas, sendo uma a porta e a outra o relógio. O rato fica do lado de dentro da roda, e o **gato**, do lado de fora, após o gato perguntar que horas o rato chega, as crianças dizem um horário e começam a rodar dizendo diferentes horas em sequência até chegar no horário combinado, nesse momento a porta se abre e o gato tenta pegar o rato.

Por fim, as crianças brincaram novamente de diversas atividades até o horário teto da atividade e antes de irem embora, agradeceram ao Sr Anésio pelas atividades, dizendo que gostaram da oficina e mais ainda de “brincar!”.



Infância Quilombola – Cabo de força, Bola de Gude, Peteca, Miniaturas de Trabalho - Quilombo Reginaldo

Fotos: Fernanda P. Fonseca - agosto/2019

### 2.7.3 OFICINA AGRICULTURA QUILOMBOLA

As cinco oficinas foram realizadas no dia 13 de setembro atingiram cerca de 100 alunos de 4º. e 5º. anos das escolas municipais, escolhidos pelas supervisoras de ensino para participar das atividades propostas pelas comunidades em conjunto com a equipe da universidade. Todas oficinas foram realizadas no período da manhã, em cada uma das cinco comunidades quilombolas envolvidas no projeto.

***Período da manhã***

*Comunidade Quilombola Pedra Preta-Paraíso*

Na comunidade Pedra Preta, a atividade foi realizada com 23 alunos do 5º ano, acompanhados pelo professor “Pedrinho”. A visita realizada se deu com a participação do Sr. Idelfonso, Zé Alvarenga, Liane, Milton e outros dois membros da comunidade, sendo realizada na propriedade do Sr Idelfonso que propôs às crianças um momento de apresentação dos membros e contextualização sobre a comunidade e suas práticas, até chegarem na prática de roçagem de feijão e visita dos cultivos produzidos no local. Pela equipe do projeto, a oficina foi acompanhada por Igor Gonçalves.

Neste primeiro momento, os alunos e os membros quilombolas da comunidade Pedra Preta-Paraíso se juntaram para conversar sobre questões como a história de moradia dos membros da comunidade, as dificuldades que estes tinham que enfrentar para estudar antigamente, suas formas de renda, a importância da constituição de uma associação quilombola e de projetos públicos como o Programa de Aquisição de Alimentos (PAA), além das diferenças das práticas e cultivos presentes como feijão, milho, palmito, limão, laranja e outros. Além disso, foi relatado pelos membros uma experiência pessoal, em que falaram sobre os diferentes momentos do processo de consolidação da comunidade até os dias de hoje.

Em um segundo momento, as crianças foram conhecer a plantação de palmito juçara e uma área de plantio de feijão, local em que foi realizada uma conversa mediada pelos membros e pelo professor sobre as formas de plantio, o tempo de colheita, as diferentes épocas para plantação e aparecimento de alguns animais, os equipamentos utilizados, as dificuldades presentes antigamente na roça, além de outras características observadas pelos alunos no local. Após essa conversa, estes tiveram a oportunidade de utilizar a enxada para experienciar a prática da roçagem do feijão. Além disso, os alunos também tiveram a oportunidade de conhecer outros instrumentos utilizados em diferentes etapas da plantação como a matraca plantadeira para inserção das sementes no solo.

Posteriormente, os alunos foram conhecer a plantação de limão e laranja, momento em que entraram em contato com diferentes tipos de frutos e puderam ver o aproveitamento da água por meio da utilização de um conjunto de cisternas que irriga o plantio de banana e a adubagem realizada por um encanamento específico que direciona os rejeitos da casa diretamente para essa área do plantio.

Em um último momento, as crianças fizeram uma pausa para o lanche e aproveitaram para conhecer outras dependências próximas, ocasião em que ocorreu um agradecimento mútuo por parte dos membros da comunidade, pelo professor, pelos alunos da E.M.E.B. Profª Maria Izabel Mota Ferreira e por parte da monitoria do projeto. A atividade se encerrou por volta das 11h30.

## Projeto Saberes em Diálogo Relatório Final Completo



Agricultura Quilombola – Quilombo Pedra Preta-Paraíso

Fotos: Igor Gonçalves - setembro/2019

### *Comunidade Quilombola Cedro*

Os alunos do 4º e 5º anos da EMEB Maria Isabel (sede, Barra do Turvo) que participaram da atividade foram acompanhados pela Professora Elani e pela auxiliar Janaina. Foram 19 alunos participantes. As atividades foram conduzidas na comunidade pela família do Sr Ditão: Ronivaldo (“Pato”), “Grilo”, Lauriti e Irmã. Por parte da equipe executora, a atividade foi acompanhada pela Profª Fernanda Padovesi Fonseca. A atividade foi realizada na área de cultivo da família em sistema agroflorestral situado atrás das casas de moradia. Além dos adultos da família, 3 crianças da família também acompanharam as atividades.

A atividade iniciou-se às 9h com o acolhimento dos professores e alunos, realizado pelo Sr. Ronivaldo. A primeira fala realizada no local da moradia da família teve o objetivo de explicar o que é um sistema agroflorestral e justificar a escolha da área onde se dará a atividade. Em seguida fomos conduzidos até a área do sistema agroflorestral onde “Grilo” e “Pato” apresentaram os tipos de cultivo ali existentes (frutas como bananeira, abacateiro, limoeiro, laranjeira, mamoeiro), a palmeira de onde se extrai o palmito pupunha e outros tipos de árvores ali existentes. Foi mostrado como costumam fazer o manejo da área, com a demonstração da limpeza de bananeiras e a informação de que o cultivo não pode ser muito denso (conforme explicou “Grilo”, somente a “filha”, “mãe” e “avó” no caso das bananeiras poderiam conviver na mesma área, próximas umas das outras). Foi demonstrado também o manejo de uma árvore de abacateiro, realizada a limpeza de uma área (feita por uma aluna) para constituição de um berço onde foi plantada uma árvore por outra criança. Após o plantio foram retirados pequenos caules e outros materiais resultantes do manejo ali demonstrado para recobrir o solo da área do berço e ali foi feita a explicação da necessidade do solo ser sempre protegido contra as intempéries do clima. A explicação foi acompanhada da demonstração de que aquele solo se encontrava úmido e protegido quando foi retirada a camada protetora de matéria orgânica para constituição do berço e plantio da árvore.

## Projeto Saberes em Diálogo Relatório Final Completo

Na continuidade da atividade chegamos a uma área onde havia o plantio de repolho e alho. Ali se deu a explicação pelos membros da família do porquê naquela área deveria haver maior incidência solar e assim permitir a agricultura consorciada à área mais sombreada do sistema agroflorestal. Foi feita a explicação de quais culturas necessitam de sol para se desenvolver e quais plantios e manejos podem ser feitos nas áreas mais sombreadas. As crianças observaram a diversidade de cultivo ali realizado e as condições necessárias para cada tipo de cultivo se desenvolver. Na fala da família também se ressaltou que não há nenhum uso de agrotóxico e que a produção, portanto, é uma produção de alimentos de forma agroecológica.

Foram colhidos mamão e repolho para o lanche que seria feito logo a seguir. As crianças e a família retornam à sede para o lanche. As crianças fizeram o lanche acrescido de uma salada de repolho feita com o repolho anteriormente colhido e temperado com o limão também ali colhido. A atividade foi bastante proveitosa e elucidativa e dialogou com as atividades anteriormente desenvolvidas em sala de aula, nas palavras da professora Elani. A atividade se encerrou por volta das 11h30 com o retorno ao ônibus e partida para Barra do Turvo.





## Projeto Saberes em Diálogo Relatório Final Completo



Agricultura Quilombola – Sistema Agroflorestral (SAF), Quilombo Cedro  
Fotos: Fernanda Padovesi Fonseca – Setembro/2019

### *Comunidade Quilombola Ribeirão Grande*

A oficina foi realizada pela liderança quilombola Nilce Pontes por falta de integrantes da equipe em função da não disponibilização do veículo da USP. De acordo com a liderança, a atividade teve início com uma roda de conversa sobre a comunidade e na sequência uma atividade prática em área de cultivo próximo à sede da Comunidade. Houve relato sobre perguntas acerca da diferença entre a roça de coivara e a roça agroecológica, orientada pela professora que acompanhou o grupo. Não dispomos de fotos ou relato escrito mais detalhado que nos informe o ano envolvido e a quantidade de alunos que participaram da atividade. Considerando as demais salas que participaram das outras oficinas, estamos estimando que cerca de 20 alunos participaram da atividade.

### *Comunidade Quilombola Terra Seca*

A oficina de agricultura no Quilombo Terra Seca teve início às 9h00 e término às 11h00. O objetivo central da oficina foi estabelecer um contato dos alunos dos 4º e 5º anos da E.M.E.B. Profª Maria Izabel Mota Ferreira com o modo de cultivo de alimentos praticado pela comunidade, além de uma melhor compreensão geral do modo de vida dos quilombolas de Terra Seca. Dessa forma, ao chegarem na comunidade, cerca de 20 alunos, junto com a professora Regiane da Escola Municipal, estabeleceram o primeiro contato com as quilombolas Jane, Eva, Maria Aparecida, Claesdina e Doliria, integrantes que foram responsáveis pela condução da atividade. A oficina foi acompanhada por Rodrigo S. Lima pela equipe executora do projeto.

Primeiramente, foi estabelecida uma roda de conversa em que os alunos se apresentaram ao dizerem seus respectivos nomes, e posteriormente as quilombolas deram uma palavra inicial sobre a vivência na comunidade Terra Seca. Em cerca de 30 minutos, foram apresentadas algumas características presentes no Quilombo, entre as quais a explicação sobre o modo de cultivo e plantio de determinados alimentos, e a importância dessa diferente relação com a terra para a alimentação não só da própria comunidade, como também para os moradores no município de Barra do Turvo-SP. Após a fala das cinco quilombolas, foi perguntado aos alunos se eles já possuíam algum conhecimento sobre esse modo de cultivo de alimentos, além de aberta a possibilidade para a realização de possíveis questionamentos. Cerca de 12 alunos disseram que já possuíam algum conhecimento a respeito, e outros se manifestaram perguntando sobre a prática chamada “coivara”.

Projeto Saberes em Diálogo  
Relatório Final Completo

Em um segundo momento, os alunos se alimentaram com a merenda da própria Escola Municipal Maria Isabel, além de experimentarem o chá de amendoim feito pela quilombola Maria Aparecida. Após se alimentarem, foi novamente realizado um círculo entre as integrantes da comunidade e os alunos da escola, para que se realizasse uma oração, prática que costuma iniciar todas as atividades realizadas nas comunidades, e posteriormente fossem conhecer uma das áreas de plantio de alimentos do Quilombo Terra Seca. Assim, em um terceiro e último momento, os alunos se locomoveram à área de cultivo da comunidade e participaram de algumas das etapas de plantio da mandioca, um dos principais alimentos presente na agricultura familiar e no modo de vida dos habitantes da região. Os alunos obtiveram a experiência prática de como são plantados e cultivados os alimentos no Quilombo Terra Seca, por meio da ajuda mútua para a introdução da maniva no solo. Após a atividade prática com duração de cerca de 1 hora, foi realizada uma oração de agradecimento pela oficina realizada, e os alunos voltaram para a Escola Municipal Maria Isabel.

Por meio de um balanço final, é possível concluir que os objetivos de estabelecer um diálogo entre a cultura quilombola e os alunos do município de Barra do Turvo-SP, com um enfoque para o modo de agricultura presente no quilombo, foram alcançados com a realização e concretização da oficina.



Agricultura Quilombola – plantio, Quilombo Terra Seca  
Fotos: Rodrigo S. Lima – Setembro/2019

Projeto Saberes em Diálogo  
Relatório Final Completo

*Comunidade Quilombola Reginaldo*

Os alunos do 4º e 5º anos da Escola Maria Izabel (sede, Barra do Turvo) que participaram da atividade foram acompanhados pelas Professoras Patrícia e Delci e pela auxiliar Zeila. As atividades foram conduzidas na comunidade por Sr. Anésio. Por parte da equipe executora, a atividade foi acompanhada pela Profa. Valeria de Marcos. A atividade foi realizada na área de cultivo do Sr. Anésio e contou com a presença de 40 pessoas entre estudantes, professores e colaboradores, membros da comunidade quilombola e da equipe executora.

A atividade iniciou-se às 9h com o acolhimento dos professores e alunos, realizado pelo Sr. Anésio. Em seguida fomos conduzidos por ele até sua área de plantio, onde ele nos mostrou suas áreas de cultivo (café, palmito juçara, banana maranhão, mandioca, cana) e nos mostrou seus instrumentos para preparo de alguns produtos – a roda para ralar mandioca para o preparo da farinha, a moenda para preparar a garapa para depois preparar o açúcar, forno de taipa onde no tacho vinham preparados a farinha de mandioca e o açúcar. Neste ponto os estudantes que haviam participado na oficina anterior de culinária na Comunidade Terra Seca, onde acompanharam o preparo de rapadura passaram a relatar com detalhes o processo de fabricação, mostrando o quão viva tinha sido a experiência e o quanto ela estava presente em suas memórias.

A atividade continuou com a apresentação do instrumento utilizado para plantio de arroz, feijão e milho, que alguns alunos manusearam. Também foi feita uma discussão bastante interessante sobre a coivara: o que era, seu modo de funcionamento, os motivos de sua utilização e seus benefícios, com especial atenção para os cuidados necessários para evitar acidentes. Também neste momento foi muito interessante a participação com relato bastante detalhado de alguns alunos que, morando no sítio, também sabiam sobre os riscos das queimadas e os cuidados necessários (evitar dias muito quentes, estar atento à direção do vento, realizar acero para evitar que o fogo se alastre, etc).

Na sequência visitamos a área de cultivo de Nelsinho, que possui um monjolo, e que explicou aos alunos sobre o seu funcionamento, ilustrando com a pilagem de um pouco de café. Falou depois sobre as etapas de preparo do café (plantio, tratos, colheita, secagem, pilagem para extração da casca, torra, moagem e preparo da bebida). Fez o mesmo para o arroz. Os alunos acompanharam bastante interessados e curiosos. Na sequência, retornando à casa do Sr. Anésio, paramos na área do Sr. Argentino, onde os alunos viram outro monjolo, tacho para preparo de rapadura e açúcar, forno de barro, criação de coelho, cultivo de cacau (muitos deles saíram com um cacau nas mãos), criação de porcos. Por fim, os alunos dirigiram-se à casa do Sr. Anésio, onde se reuniram para o lanche que a escola havia levado.

Por volta das 11h00 as crianças tomaram lanche e, na sequência, alguns brincaram de pega-pega no grande terreiro da casa de Sr. Anésio. A atividade se encerrou por volta das 11h45. Como atividade didática ela complementou a discussão sobre a culinária e será trabalhada em sala de aula. Enquanto aguardavam a chegada do ônibus a Profa. Delci retomou com eles os pontos que tinham sido vistos na aula de campo e todos participaram ativamente do debate.

Projeto Saberes em Diálogo  
Relatório Final Completo



Agricultura Quilombola – Quilombo Reginaldo  
Fotos: Valeria de Marcos – Setembro/2019

#### **2.7.4 OFICINA ARTESANATO**

No dia 07 de outubro de 2019 foi realizada no período da manhã uma oficina de Artesanato e Materiais de Trabalho na comunidade Ribeirão Grande, contemplando 15 alunos do 3º ano da EMEB Prof. Paulo Bodo Filho. Devido a fortes chuvas à tarde, a oficina prevista para esse período na mesma comunidade acabou sendo cancelada.

A oficina contou com a produção de cestos de taquara e artesanatos de argila confeccionados pelos membros das comunidades, dona Cleide, dona Claresdina e seu “Jacaré”, junto às crianças. Estas, por sua vez, acompanharam todo o processo da produção dos cestos de taquara, observando inicialmente como realizar os entrelaçamentos e nós necessários para a constituição da base e, posteriormente, os trançados da cesta que deram forma ao artesanato.

Foram realizados dois diferentes tipos de cestos de taquara, o primeiro com uma estrutura mais simples para que o processo de aprendizagem se tornasse possível em um primeiro encontro, já o segundo possuía um arranjo mais complexo, o que não impediu que as crianças acompanhassem e auxiliassem sua produção. Durante o desenvolvimento dos cestos, alguns alunos demonstraram um conhecimento prévio com a técnica utilizada, o que os deixou entusiasmados para participarem e os motivou a ensinarem a seus colegas como realizá-los.

Simultaneamente à produção dos cestos, foram realizados artesanatos de argila, possibilitando que os alunos alternassem entre as atividades de forma dinâmica. A argila foi utilizada primeiramente para a produção de uma panela, contando com a contribuição das crianças na modelagem da argila e umedecimento adequado para sua produção. Além da panela, as crianças exercitaram a criatividade e criaram os mais diversos artesanatos como pires, pratos, copos, talheres, bonecos e outros.

Por fim, as crianças finalizaram junto aos membros os artesanatos iniciados durante a oficina, levando como recordação o cesto de taipa para a escola e os artesanatos de argila produzida por eles para casa. As fotos da oficina podem ser vistas abaixo.

#### **2.7.5 DEVOÇÃO QUILOMBOLA (MESADA DE ANJOS)**

No dia 18 de outubro de 2019, foi realizado uma Mesada de Anjos, uma prática tradicional quilombola, na comunidade Ribeirão Grande. A Mesada de Anjos, assim como outras práticas religiosas conhecidas na região do Vale do Ribeira, pertence ao catolicismo popular.

A lógica da Mesada de Anjos alicerça-se em três elementos no decorrer da sua realização: a promessa, os anjos e o banquete aos anjos. Em um cenário social onde a assistência médica sempre foi esparsa, as estratégias medicinais e terapêuticas desenvolvidas pelas comunidades quilombolas partem historicamente do conhecimento ancestral, sobre a natureza e o sagrado. Deste modo, a Mesada de Anjos é uma prática religiosa no território quilombola, que orbita em torno de questões relacionadas à saúde, seja elas pessoal, familiar ou comunitária.

Para se recuperar de um estado de enfermidade, um devoto ou uma devota quilombola realiza uma promessa com um santo específico (aquele de maior proximidade), capaz de interceder pela sua saúde. Quando a pessoa enferma é curada ou encontra-se em estado de recuperação, a comunidade tem como obrigação realizar um banquete aos “anjinhos”, como forma de cumprir a promessa com o santo pela sua intercessão e zelo. Os “anjinhos” são as crianças

Projeto Saberes em Diálogo  
Relatório Final Completo

menores de sete anos, quilombolas ou não, que são observadas como seres inocentes. Em virtude desta qualidade, as crianças, durante o seu primeiro septênio de vida, encontram-se simbolicamente próximas aos santos e podem, assim, canalizar o seu poder de cura para a comunidade. Por esta razão, existe a crença quilombola de que crianças são seres mediadores entre a comunidade e as entidades celestes, sendo então necessário também agradecê-las com um banquete: a Mesada de Anjos.



Oficina Artesanato Quilombola – Comunidade Ribeirão Grande  
Fotos: Igor Gonçalves, setembro 2019

No ano de 2019, A Mesada de Anjos foi realizada como o cumprimento da promessa de Sr. Lizeu, um antigo curandeiro do município. No entanto, como sua saúde se encontrava bastante debilitada, a promessa foi paga pela Dona Izaíra e pela Dona Osmina, duas mulheres da comunidade e de confiança de Seu Lizeu. Como uma estratégia de mostrar a expressão religiosa quilombola aos professores do município e também para os alunos da rede municipal, Dona Izaíra e Dona Osmina permitiram que os estudantes do município participassem da prática, mas com a condição de que ela não fosse interpretada simplesmente como uma oficina. Tal detalhe é simples, porém, de grande importância para a comunidade, pois a Mesada de Anjos

Projeto Saberes em Diálogo  
Relatório Final Completo

não pode ser compreendida na mesma chave das atividades anteriores promovidas pelo projeto.

As oficinas configuram-se como estratégias pedagógicas que apresentam uma atividade social de modo reduzido com fins didáticos. Tradicionalmente, a Mesada de Anjos deve sempre ser condicionada por motivos específicos (o cumprimento da promessa, o agradecimento ao santo, o louvor pela saúde), sendo impossível, neste aspecto, “reduzi-la”. Neste sentido, reiteramos que, dentre todas as atividades que o projeto contemplou, a Mesada de Anjos não foi uma oficina, uma vez que seu objetivo central possuía um caráter religioso e não didático, em que a utilização do termo “oficina” pode inverter na sua compreensão.

Sublinhada a diferença da Mesada de Anjos com as demais atividades do projeto, é possível afirmar que a sua experiência é passível de acomodar uma dimensão didática e pedagógica para os alunos, para os professores e também para a equipe da universidade, uma vez que nela todos puderam presenciar um momento tradicional de socialização das crianças no território quilombola. Além das crianças da própria comunidade e das comunidades ao redor, conseguimos levar para participar desta Mesada de Anjos crianças do 1º ano do ensino fundamental da EMEF Prof.ª Maria Izabel e da educação infantil EMEI Prof.ª Maria Aleixo de Queiroz, totalizando ao todo 30 “anjinhos”. Em relação aos resultados dessa articulação entre escola e comunidade, podemos tecer breves reflexões:

- Em virtude das transformações contemporâneas em torno da demografia das comunidades tradicionais e camponesas, nas comunidades Ribeirão Grande e Terra Seca encontram-se cerca de 3 ou 4 crianças, um número relativamente baixo para a realização de Mesadas de Anjos (as quais antigamente contavam com uma média de dez a vinte crianças). Esta diferença, apesar de não inviabilizar a prática, reduz a sua frequência, assim como as expectativas da comunidade em torno das mesmas. Levar as crianças da rede municipal para participar da Mesada demonstrou-se uma estratégia de contornar um fenômeno que vem desafiando a sua manutenção. Sendo ainda tal estratégia compreensiva e coerente com as condições e os objetivos religiosos.
- A participação de crianças externas ao território quilombola gerou uma nova expectativa nos membros da comunidade e das comunidades vizinhas, estreitando os laços no tocante à manutenção da religião e da cultura quilombola. Isto foi perceptível através de um maior número de cuidados e de pessoas envolvidas no seu planejamento e na sua preparação.
- Por parte das crianças da rede municipal e dos professores, a participação possibilitou a experiência de alguns sentidos que o sagrado assume na territorialização quilombola, tais como: os cânticos, os terços, a crença popular em santos e anjos, etc.

De modo geral, a experiência da devoção na comunidade pelos professores e pelos alunos mostrou que a religiosidade e a cultura tradicional são caminhos didáticos que devem ser explorados para a compreensão da devoção quilombola. Algumas fotos sobre esta Mesada de Anjos podem ser observadas abaixo.

Projeto Saberes em Diálogo  
Relatório Final Completo





## 2.8 Apresentações do Projeto em Eventos Científicos

Os membros da equipe apresentaram trabalho em alguns eventos científicos, a saber:

**EVENTO:** XXIV Encontro Nacional de Estudantes de Geografia – Belém-PA, 03-07 de julho de 2019.

**SABERES EM DIÁLOGO: COMUNIDADE, ESCOLA E UNIVERSIDADE NA CONSTRUÇÃO DA EDUCAÇÃO QUILOMBOLA EM BARRA DO TURVO-SP<sup>4</sup>**

**Autor:**

Igor Gabriel Rodrigues Gonçalves  
igorgoncalves@usp.br

**Co-autores:**

Caio Maranhão  
caio.maranhão@usp.br

Leonardo Ribas  
leonardojaribas@usp.br

Lucas Martines de Azevedo da Silva  
lucas.martines.silva@usp.br

**Eixo Temático:** Políticas Públicas, Cooperações Locais e (re) Ordenamento Territorial

**Palavras-chave:** Educação Quilombola; Comunidades Quilombolas; Transdisciplinar

### Introdução

O projeto “Saberes em diálogo: comunidade, escola e universidade na construção da educação quilombola em Barra do Turvo-SP” nasceu com a proposta de relacionar os saberes e práticas das comunidades quilombolas de Barra do Turvo (SP) com os conhecimentos de diferentes áreas científicas da universidade e a experiência dos alunos e professores da rede pública do município. Para isso, o projeto, a partir das demandas apresentadas pelas comunidades quilombolas em relação ao ensino, buscou construir seus objetivos de forma a atender às mesmas e caminhar rumo a uma educação escolar quilombola pública, de qualidade e que enfrente o descompasso presente entre o universo quilombola e os saberes da sala de aula.

Sua construção é fruto de uma série de visitas e trabalhos acadêmicos realizados desde 2012 em Barra do Turvo (SP), sob a coordenação da Profa. Dra. Valéria de Marcos, pesquisadora do Departamento de Geografia da Universidade de São Paulo. Entre estes, podemos destacar a produção de trabalhos de campo da disciplina de “Geografia Agrária II” do Bacharelado em Geografia; Iniciações Científicas, TGIs e Tese de Doutorado que abrangeram temáticas relacionadas à produção agrícola, modo de vida e educação diferenciada.

A partir de 2016, visando elaborar estratégias para aproximar os professores do município à realidade quilombola foi formado o projeto “Mostra Modo de Vida e Cultura dos Quilombos do Rio Turvo: caminhos pedagógicos”. Seu objetivo foi a realização de uma exposição sobre diferentes temas que tangem o universo quilombola, a fim de aproximar as comunidades

---

<sup>4</sup> Trabalho completo

## Projeto Saberes em Diálogo Relatório Final Completo

às escolas do município. Esta exposição foi mobilizada a partir de eixos definidos pelas próprias comunidades, os quais tinham o propósito de demonstrar as diferentes maneiras que as últimas gostariam de ser reconhecidas. Tais eixos foram: agricultura; culinária; moradia; infância quilombola; artesanato; devoção e musicalidade. A exposição articulou uma mostra de fotografias e materiais de trabalho na Escola Estadual Prof<sup>o</sup> Luiz Darly Gomes de Araújo, situada no centro do município de Barra do Turvo (SP), em novembro de 2018, concomitante às atividades da Semana de Consciência Negra.

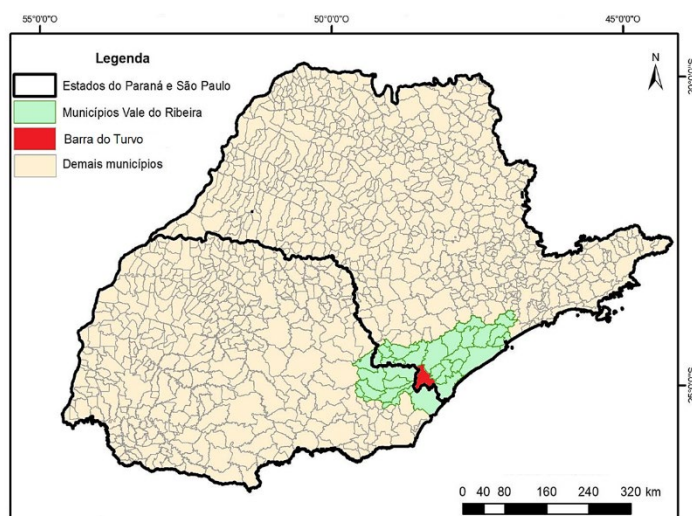
De forma a dar continuidade a esse projeto, a equipe, por meio do Edital “Aprender na Comunidade” oferecido pela Pró Reitoria de Graduação da Universidade de São Paulo no segundo semestre de 2018, buscou novos caminhos para se pensar a educação quilombola no município de Barra do Turvo (SP). Tal edital permitiu que a equipe do projeto anterior fosse renovada e ampliada para outras áreas de conhecimento da universidade, como o Instituto de Matemática e Estatística (IME) e os Departamentos de História, Letras e Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) da Universidade de São Paulo. Neste sentido, a transdisciplinaridade se tornou a base na qual o projeto realiza as discussões acerca da educação quilombola, descentralizando este debate da geografia e expandindo-o para outras áreas de conhecimento.

O projeto se iniciou no 1º semestre de 2019 e prevê a realização de atividades ao longo de um ano e meio, contando com a presença de monitores bolsistas que participam do projeto tanto por meio de bolsas do Edital, quanto pelo Programa Unificado de Bolsas (PUB) da Universidade, e de alunos voluntários selecionados.

### Quilombos de Barra do Turvo

O município de Barra do Turvo, como mostra a figura 1, localiza-se no sul do Estado de São Paulo, na região do Vale do Ribeira, onde se encontram sete comunidades quilombolas reconhecidas pela Fundação Cultural Palmares (FCP) que se fundem em cinco associações: Pedra Preta-Paraíso, Cedro, Ribeirão Grande-Terra Seca e Reginaldo.

Figura 1 - Mapa de Localização de Barra do Turvo



Fonte: Extraído da obra De Biase (2016): adaptado de IBGE e BERNINI (2015, p. 22)

## Projeto Saberes em Diálogo Relatório Final Completo

Segundo De Biase (2016), o Vale do Ribeira é integrado aos circuitos econômicos com a atividade de mineração aurífera, a qual utilizava massivamente a mão de obra escrava. Com a chegada do século XVII e o descobrimento de jazidas do estado de Minas Gerais, o Vale do Ribeira é deixado ao léu pelas rotas do ouro. Gradativamente, a região foi se integrando às atividades de rizicultura, tanto em regime de monoculturas, utilizando o trabalho escravo, quanto em pequenas roças, utilizando a mão de obra familiar. Após o término da atividade aurífera, muitos escravos ocuparam as terras da região, desenvolvendo uma agricultura voltada para o autoconsumo e também para o mercado interno. Neste sentido, o processo de territorialização quilombola define as relações sociais do Vale do Ribeira.

De acordo com a referida autora, o Vale do Ribeira é integrado às monoculturas de chá e banana, o que atraiu investimentos em infraestrutura e atenção de fazendeiros externos a região. Neste contexto, o processo de grilagem de terras se intensifica no Vale do Ribeira, juntamente com a degradação ambiental. Tal processo despertou a atenção de ambientalistas, que fundaram um movimento de preservação da biodiversidade da Mata Atlântica presente no Vale do Ribeira e que culminou, a partir da década de 1960, na criação de inúmeras Unidades de Conservação. Dentre estas unidades, se encontra a do Parque Estadual de Jacupiranga (PEJ), criado em 1969, abrangendo os municípios de Barra do Turvo, Cajati, Cananeia, Eldorado e Iporanga em uma área de 150.000 hectares. Conforme Nascimento (2017), a criação do parque desconsiderou a presença dos moradores em seu interior, gerando muitos conflitos e consequências sociais que se refletem até hoje em seus territórios, como a presença de moradores não desapropriados ou indenizados, moradores clandestinos e grandes fazendas, como é o caso da Fazenda Itaoca que sobrepõe algumas áreas das comunidades em Barra do Turvo. Além disso, o Estado, ao considerar as áreas do parque como terras devolutas, fez com que todo o ônus das restrições ambientais ficasse a cargo das comunidades.

Somente em fevereiro de 2008, frente a muita luta das comunidades tradicionais, sindicatos, lideranças políticas e movimentos sociais da região, conseguiu-se que a área do Parque fosse classificada como o Mosaico de Unidades de Conservação do Jacupiranga (MOJAC), o que possibilitou a alteração de seus limites e assegurou certos direitos pelo território aos moradores da região.

Assim como em outras comunidades, a luta continua sendo pela defesa e resistência do território onde historicamente vivem, pois este é visto pelos membros das comunidades como constituidor dos processos identitários e de pertencimento presente em suas vidas.

### **Educação Escolar Diferenciada**

Tendo em vista as diferenciações dos valores socioeconômicos e culturais das comunidades tradicionais em relação aos valores hegemônicos compartilhados na rede pública de ensino básico, compreende-se a necessidade de construção de uma Educação Escolar Diferenciada. Tal proposta visa respeitar especificidades de uma realidade regional e local, adequando o cotidiano escolar aos saberes dos grupos no qual ele se destina.

O estabelecimento de uma modalidade de ensino diferenciada faz parte das ações afirmativas previstas pelo Programa Brasil Quilombola (PBQ), pela Agenda Social Quilombola (ASQ) e pelas demandas levantadas pelo movimento negro, sendo estas, lutas e resistências das comunidades quilombolas que levaram à elaboração de um documento regulamentador das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola respaldado pelo MEC.

## Projeto Saberes em Diálogo Relatório Final Completo

No caso de Barra do Turvo, foi verificado que a dinâmica Escolar Municipal da cidade não abrange as particularidades e adaptações necessárias para a formação de crianças e jovens das comunidades quilombolas, assim como de outras comunidades tradicionais do município, além do fato de que a questão quilombola ainda não entrou de maneira significativa para os currículos escolares nem do Estado, nem do Vale do Ribeira, apesar das orientações previstas pelos Conselhos Nacional e Estadual de Educação. Tais observações foram levantadas por meio de quatro audiências públicas promovidas pela Defensoria Pública de Registro (SP) durante o ano de 2015. A audiência pública no município foi realizada em outubro de 2015, onde se apontou o fechamento de escolas, a precariedade da estrutura física das escolas e do transporte escolar, além da falta de uma gestão participativa da escola. Outros fatores observados em visita às escolas e comunidades pela equipe do projeto, foram a formação deficiente e não continuada dos professores, a falta de material didático e de apoio pedagógico de cunho étnico-racial, a ausência de diálogo entre as comunidades e as escolas e até mesmo o desconhecimento por parte de alguns docentes sobre a existência das comunidades quilombolas no município, ainda que situadas em territórios quilombolas.

Entretanto, mesmo diante dessas dificuldades, Nascimento (2017, p.27) revela que

“Além da longa luta para garantir os seus direitos, previstos constitucionalmente, e manter o seu modo de vida tradicional e seus territórios, os quilombolas do Vale do Ribeira lutam para que as escolas onde as crianças estudam sejam espaços de reconhecimento e valorização de sua cultura e de aprendizagem sobre a história de seu povo”

Dessa forma, o projeto buscou ir de encontro às necessidades apresentadas pelas comunidades e pelas escolas do município para construir, coletivamente, respostas por meio de um processo de valorização da identidade cultural dos alunos e dos saberes de suas comunidades de origem.

### **Perspectivas do Projeto**

Como sua metodologia principal, o projeto, em conjunto com as comunidades, buscou definir eixos temáticos que as representassem e que pudessem ser trabalhados em oficinas práticas tanto nas comunidades, quanto nas escolas municipais que abrangem o Ensino Infantil, Fundamental I e Fundamental II, buscando a interação das crianças com os diferentes saberes das comunidades e proporcionando ao corpo docente de Barra do Turvo uma aproximação com a realidade de muitos de seus alunos.

A partir do mês de junho estão propostos os seguintes eixos temáticos para as oficinas<sup>5</sup>:

- **Culinária tradicional:** onde haverá o acompanhamento do processo de preparo de diversos alimentos típicos como rapadura, farinha de milho, quirera com frango caipira, bolinho, curau, cuscuz, canjica, pamonha, virado, paçoca e milho verde.

---

<sup>5</sup> Devido ao caráter coletivo de construção do projeto, alguns detalhes das oficinas estão passíveis a mudanças caso seja preferível às Comunidades Quilombolas de Barra do Turvo.

Projeto Saberes em Diálogo  
Relatório Final Completo

- **Infância:** destinada à troca de experiências entre as crianças e os membros das comunidades por meio de brincadeiras como Ciranda, Casquinho ou Cavalinho, Roda Cotia, Pe-teca, Passa-anel, Boneca de Sabugo e Lenço-atrás.
- **Produção Artesanal:** elaborada para a utilização e contação de histórias de materiais como Roda de Mandioca, Cesto de Taquara, Panela de Barro, Pilão, Caçador, Concha, Colher de Pau, Monjolo e Fôrma para Rapadura.
- **Moradia:** proposta para acompanhar os processos presentes em construções típicas quilombolas como Parede de Pau-a-Pic, Fogão de Taipa e outros.
- **Agricultura e Colheita:** produzida para a participação em atividade agrícola como produção de Horta, Plantio, Colheita e etc.
- **Plantas Medicinais e Devoção:** pensada para fornecer uma explicação sobre os conhecimentos tradicionais das plantas medicinais e apresentação sobre rituais como Dança de São Gonçalo, Mesada de Anjo e etc.
- **Musicalidade:** voltada à produção conjunta de música e aprendizagem com instrumentos locais.

Além da realização das oficinas, o projeto conta com uma fase de produção de material didático que será pensado e elaborado pela equipe transdisciplinar da Universidade de São Paulo, a partir de discussões levantadas em grupos de estudos e com diversos encontros destinados à formação de professores das escolas do município.

Até o momento, esta etapa contou com uma visita inicial de reconhecimento dos professores às comunidades no dia 25 de fevereiro (figura 2.1) e com um encontro destinado à entrevista dos professores aos membros mais velhos das comunidades no dia 18 de maio (figura 2.2), atividade em que estiveram presentes os alunos da disciplina “História da África e dos Afrodescendentes no Brasil: Conteúdos e Ferramentas Didáticas para a Formação de Professores do Ensino Médio e Fundamental” do curso de História da Universidade de São Paulo, coordenado pela professora Maria Cristina Cortez Wissenbach.

### **Considerações Finais**

Portanto, o Projeto “Saberes em Diálogo: comunidade, escola e universidade na construção da educação quilombola em Barra do Turvo-SP” busca não apenas cumprir um objetivo - contribuir com um ensino diferenciado e coerente com a realidade local -, mas sim superar um problema social - a falta de valorização dos saberes tradicionais quilombolas. Trilhar tal caminho, junto com as comunidades e as escolas, é uma forma de lutar contra a discriminação racial e o preconceito social que os quilombolas sofrem no município, sobretudo, que as crianças quilombolas sofrem no interior da sala de aula.

Neste sentido, o projeto visa construir, de maneira conjunta a diferentes sujeitos, um modelo de educação que preze pela auto estima das crianças quilombolas, pela valorização do seu lugar no mundo e pela positivação de um histórico de luta e resistência. Discutir os saberes quilombolas na sala de aula significa discutir conhecimentos negligenciados por um modelo de ensino racista, visando, em última instância, mobilizar uma educação que a maior parte da população brasileira se sinta representada.

Projeto Saberes em Diálogo  
Relatório Final Completo

Figura 2 - Visita de reconhecimento dos professores (1) - Entrevistas aos membros mais velhos das comunidades quilombolas (2)



Fonte: Igor Gonçalves, 2019

#### Referências

DE BIASE, L. **Agroecologia quilombola ou quilombo agroecológico? Dilemas agrofloretais e territorialização no Vale do Ribeira/SP**. 2016. Tese (Doutorado em Geografia Humana) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

NASCIMENTO, Lisângela Kati do. **O lugar do Lugar no ensino de Geografia: um estudo em escolas públicas do Vale do Ribeira-SP**. São Paulo: Humanitas, 2017

SANTOS, Aline Garmes Moraes dos. **O processo de implementação da Educação Escolar Quilombola em Barra do Turvo - SP: os desafios das escolas públicas do município frente às demandas educacionais das comunidades**. 2016. Tese (Trabalho de Conclusão de Curso em Geografia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

**EVENTO:** IX Simpósio Internacional de Geografia, X Simpósio Nacional de Geografia (SINGA, 2019) – Recife-PE, 11-15 nov 2019.

**PRÁTICAS E SABERES QUILOMBOLAS: Pensando oficinas temáticas e as relações entre Comunidade, Escola e Universidade em Barra do Turvo - SP<sup>6</sup>**

Igor Gabriel Rodrigues Gonçalves<sup>7</sup>  
Lucas Martines de Azevedo da Silva<sup>8</sup>  
Helga Kress Meirelles<sup>9</sup>

**Grupo de Trabalho 15: Projetos de extensão universitária, de formação e de produção de materiais didáticos e audiovisuais no campo**

**Palavras-chave:** Educação Quilombola; Oficinas Quilombolas; Comunidades Quilombolas; Vale do Ribeira; Transdisciplinar

Este trabalho é um ensaio sobre as oficinas desenvolvidas no projeto de extensão “Saberes em diálogo: comunidade, escola e universidade na construção da educação quilombola em Barra do Turvo – SP” que tem como objetivo contribuir com a construção e implantação da educação quilombola, a partir da articulação dos saberes e práticas das comunidades quilombolas do município, das práticas docentes dos professores da rede pública e dos conhecimentos produzidos em diferentes áreas científicas da universidade, junto às escolas da rede municipal de Barra do Turvo, localizado no Vale do Ribeira.

Historicamente este é constituído por comunidades tradicionais, principalmente as comunidades quilombolas, que contribuiram/contribuem para a produção e preservação da biodiversidade local. A região contempla o sudeste do Estado de São Paulo (1.711.533 ha) e o leste do Estado do Paraná (1.119.133 ha). Dentre os municípios que constituem o Vale do Ribeira encontra-se o município de Barra do Turvo, cujo território é marcado pela presença de cinco comunidades quilombolas, a saber: Pedra Preta-Paraíso, Cedro, Ribeirão Grande-Terra Seca, Reginaldo e Ilhas. As três primeiras comunidades, com a mediação do Instituto Florestal, formam a Reserva de Desenvolvimento Sustentável (RDS) dos Quilombos de Barra do Turvo-SP.

Tais comunidades quilombolas se encontram cotidianamente em luta pela defesa e resistência dos territórios onde historicamente vivem, pois são nestes que vivenciam um modo de vida tradicional que possibilita a formação dos processos identitários e de pertencimento em suas vidas. Frente a esse contexto de lutas, a reivindicação por uma educação escolar quilombola pública, de qualidade e que contemple os diferentes saberes locais como conhecimentos significativos para compreender essa região, passou a ter um papel central nas discussões das diferentes comunidades quilombolas do Vale do Ribeira.

No caso de Barra do Turvo, a reivindicação das comunidades quilombolas resultou em uma audiência pública dentro de quatro promovidas pela Defensoria Pública de Registro (SP)

---

<sup>6</sup> Resumo aprovado para apresentação

<sup>7</sup> Graduando em Geografia pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP). E-mail: igorgoncalves@usp.br

<sup>8</sup> Graduando em Geografia pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP). E-mail: lucas.martines.silva@usp.br

<sup>9</sup> Mestranda em Geografia pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP). E-mail: helga.meirelles@usp.br

## Projeto Saberes em Diálogo Relatório Final Completo

durante o ano de 2015. Nestas audiências foi possível verificar que os projetos pedagógicos das escolas municipais e estaduais da região não abrangiam os saberes tradicionais na formação escolar dos alunos, sendo grande parte destes quilombolas. Soma-se a esta questão o fato de que a temática quilombola ainda não havia entrado de maneira significativa nos currículos escolares do Estado e, por consequência, nos currículos escolares do Vale do Ribeira, apesar das orientações previstas pelos Conselhos Nacional e Estadual de Educação.

Frente a esses desafios, as comunidades quilombolas de Barra do Turvo, em conjunto com a Professora Doutora Valéria de Marcos e alunos orientandos, buscaram uma alternativa por meio da construção de um projeto de educação diferenciada que fosse coerente com a realidade local e que valorizasse os saberes tradicionais dessas comunidades. Assim, a partir de 2016, deu-se início ao projeto “Mostra Modo de Vida e Cultura dos Quilombos do Rio Turvo: caminhos pedagógicos” cujo objetivo foi realizar uma exposição de fotografias, artesanatos e instrumentos de trabalho das comunidades quilombolas sobre diferentes temáticas que contemplassem o universo quilombola, mobilizada a partir de eixos definidos pelas próprias comunidades, os quais tinham o propósito de demonstrar as diferentes formas que gostariam de ser reconhecidas.

De forma a dar continuidade a esse projeto, a equipe, por meio do Edital “Aprender na Comunidade” oferecido pela Pró Reitoria de Graduação da Universidade de São Paulo no segundo semestre de 2018, buscou novos caminhos para se pensar a educação quilombola no município de Barra do Turvo (SP). Tal edital permitiu que a equipe do projeto anterior fosse renovada e ampliada para outras áreas de conhecimento da universidade, como o Instituto de Matemática e Estatística (IME) e os Departamentos de História, Letras e Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) da Universidade de São Paulo, formando assim o projeto de extensão transdisciplinar “Saberes em diálogo: comunidade, escola e universidade na construção da educação quilombola em Barra do Turvo – SP”.

Por meio de uma construção horizontal, foram levantados os seguintes eixos temáticos: Culinária Tradicional, Infância, Produção Artesanal, Instrumentos de Trabalho, Moradia, Agricultura e Colheita, Plantas Medicinais, Devoção e Musicalidade. Tais eixos foram definidos pelas comunidades em uma reunião com a Profa. Dra. Valéria de Marcos e estudantes orientandos, de forma a serem realizadas oficinas em que os membros das comunidades se destaquem como protagonistas do processo de ensino e os alunos das escolas municipais coloquem em prática os saberes aprendidos com esses. A partir da realização das oficinas serão elaborados pela equipe de professores da Universidade de São Paulo e de Barra do Turvo estratégias didático-pedagógicas para abordar em sala de aula o que foi vivenciado nas oficinas.

Dessa forma, o presente ensaio se propõe a debater a construção e os resultados das oficinas temáticas, bem como discutir a importância formativa para os alunos e professores e as formas de apropriação dessas práticas pelos membros das comunidades quilombolas.

O projeto atualmente se encontra em fase de desenvolvimento e até o presente foram realizadas uma visita de campo de reconhecimento dos professores às comunidades no dia 25 de fevereiro, um encontro destinado à entrevista dos professores aos membros mais velhos das comunidades no dia 18 de maio e uma oficina sob a temática de Culinária Tradicional no dia 17 de junho de 2019. Até a realização do encontro serão realizadas mais quatro oficinas sob os eixos Infância, Artesanato e Instrumentos de Trabalho, Agricultura e Plantas Medicinais,



fortalecendo, assim, a construção do diálogo sobre educação quilombola entre escola, comunidade e universidade.

**EVENTO:** IX Simpósio Internacional de Geografia, X Simpósio Nacional de Geografia (SINGA, 2019) – Recife-PE, 11-15 nov 2019.

**Saberes em diálogo: comunidade, escola e universidade na construção da educação quilombola no município de Barra do Turvo-SP<sup>10</sup>**

Valeria de Marcos

**Grupo de Trabalho 15: Projetos de extensão universitária, de formação e de produção de materiais didáticos e audiovisuais no campo (Coordenadora)**

O presente trabalho refere-se a uma experiência, atualmente em andamento, de construção da educação quilombola no município de Barra do Turvo-SP, no Vale do Ribeira, a partir da articulação dos saberes das comunidades quilombolas, dos professores da rede municipal de ensino (fundamental I) e de professores de diferentes áreas do saber - Geografia, História, Letras e Matemática - da Universidade de São Paulo.

A aproximação com as comunidades quilombolas do município teve início em 2012, por ocasião de trabalho de campo da disciplina Geografia Agrária II por mim ministrada de 2012 a 2014. Durante os três anos em que estive à frente da disciplina realizei trabalhos de campo nas comunidades e fui estreitando com elas laços de afinidade e confiança. A aproximação se estreitou também com estudantes do curso de Graduação e Pós, dando origem a seis trabalhos de pesquisa, sendo quatro iniciação científica/trabalho de conclusão de curso, um mestrado e um doutorado. As temáticas, acordadas com as comunidades, referiram-se aos conflitos entre agroecologia e agricultura quilombola, educação quilombola e, atualmente, sobre o sagrado na construção da territorialização quilombola e o papel das mulheres na construção da soberania alimentar.

Em 2014, a temática da educação quilombola foi ganhando centralidade nas discussões e, por solicitação das comunidades, passei a acompanhar mais de perto as discussões que estavam ocorrendo sobre a construção da educação quilombola no Vale do Ribeira. Naquele ano criamos um Grupo de Estudos sobre Educação Quilombola, acompanhamos a audiência pública sobre a questão da educação quilombola ocorrida em Barra do Turvo-SP e demos início à pesquisa sobre a realidade da educação quilombola em Barra do Turvo e a presença da temática nos materiais didáticos usados pelas escolas locais que resultaram em dois trabalhos de conclusão de curso finalizados nos anos de 2015 e 2016.

As pesquisas indicaram um enorme distanciamento entre as comunidades e as escolas no município, e alguns dos depoimentos colhidos mostraram total desconhecimento sobre a existência das mesmas por parte de boa parte dos professores entrevistados. Com relação ao material didático, verificou-se que elas contribuíam pouco para permitir a construção de uma aproximação entre as escolas e as comunidades. Os resultados das pesquisas foram apresentados às comunidades e, a partir das discussões realizadas, construímos com elas o projeto intitulado “Mos-

---

<sup>10</sup> Resumo aprovado para apresentação

Projeto Saberes em Diálogo  
Relatório Final Completo

*tra Modo de vida e cultura quilombola em Barra do Turvo-SP*”, financiado pelo Edital FUSP/SANTANDER 2016 e realizado durante o período 2017/2018. O objetivo era o de criar um circuito pedagógico entre os quilombos, de modo a que cada uma das quatro comunidades englobadas pelo projeto – Pedra Preta-Paraíso, Cedro, Ribeirão Grande-Terra Seca, Reginaldo<sup>11</sup> – pudesse reservar um local para receber as escolas e contar um pouco de sua história, modo de vida e cultura e, com as escolas, estabelecer um diálogo de modo a construir um circuito de visita para aproximação com as comunidades, com o intuito de levar para a sala de aula discussões relativas à realidade vivida pelas comunidades locais. Em reunião com representantes de todas as comunidades foram definidos os eixos sobre os quais iríamos trabalhar – história, moradia, culinária, agricultura, educação, instrumentos de trabalho/instrumentos de uso doméstico, musicalidade, devoção, papel das mulheres, ervas medicinais, representações de quilombo e, já com o projeto em andamento, foi adicionado o eixo infância quilombola. Contatamos a Secretaria de Educação do Município e a Prefeitura Municipal que nos autorizaram a realizar as atividades. Contatamos as Escolas Estaduais presentes no município que igualmente se dispuseram a firmar parceria conosco.

Durante o período de 2017 e 2018 foram coletadas entrevistas sobre os eixos acima indicados, separados materiais de diversos tipos, realizado um registro fotográfico das diferentes comunidades. Mensalmente foram realizados trabalhos de campo sobre as temáticas definidas pelas comunidades. No decorrer de 2018, diante da abertura do Edital PRG USP Aprender na Comunidade, resolvemos alterar um pouco os objetivos do trabalho e dar um passo além. Optamos, em comum acordo com as comunidades, por investir na construção efetiva da educação quilombola no município, proposta que foi acolhida com entusiasmo também pela Secretaria Municipal de Ensino. O projeto, submetido e aprovado, representou um salto de qualidade nas ações até então desenvolvidas: passou a englobar as áreas do conhecimento acima indicadas, o que, por meio da formação de uma equipe interdisciplinar com professores e estudantes de Graduação representa uma oportunidade ímpar na formação dos estudantes e na construção do conhecimento em âmbito universitário; passou a envolver os professores da rede municipal de ensino e a realizar ações mais concretas de proposições de ações educativas durante o ano escolar; deu às comunidades total protagonismo na forma de construção do saber e da imagem que querem construir com os professores e estudantes, uma vez que, além de terem definido os eixos de ação, são eles que conduzem as atividades em campo.

O projeto teve início em fevereiro de 2019, contando com seis meses de realização até o momento. Por ora, foram realizadas duas visitas com os professores e a equipe do projeto às comunidades quilombolas - uma visita de reconhecimento em fevereiro/2019 e uma nova aproximação com as comunidades (acantonamento) em maio/2019; duas palestras aos professores de apresentação geral do projeto – uma em 20 de novembro de 2018 como abertura oficial do projeto e uma em fevereiro para maior aprofundamento das atividades, que antecedeu a visita de reconhecimento e, por fim, uma oficina com os estudantes e professores de 4º e 5º ano sobre a temática “culinária quilombola”, envolvendo um total de 150 crianças. Estão previstas para ocorrer até o final do ano uma oficina com estudantes de 1º, 2º. e 3º. ano sobre “infância quilombola”, em agosto/2019; uma oficina sobre artesanato e instrumentos de trabalho, em setembro/2019; uma oficina sobre plantas medicinais, em outubro e, por fim, uma oficina sobre

---

<sup>11</sup> Existe uma quinta comunidade no Município, denominada Ilhas, com a qual ainda não estabelecemos contato.

agricultura em novembro/2019<sup>12</sup>. Ainda em novembro é prevista a realização de uma atividade de apresentação dos resultados alcançados para os pais de alunos da rede municipal. Paralelamente iremos realizar atividades de formação com os professores envolvendo as diferentes temáticas abordadas pelo projeto e as diferentes áreas de formação.

Os desafios enfrentados são vários. De um lado a resistência por parte da Secretaria Estadual de Educação que impediu nossa ação nas escolas estaduais do município, o que nos exigiu rever nossas metas e concentrar nossas ações nas escolas municipais e no ensino infantil e fundamental I. De outro, uma resistência por parte de alguns professores à nova proposta, somada a uma expectativa de que “ensinásemos” sobre as comunidades. A metodologia adotada pelo projeto parte do conhecimento local, da realidade material para, a partir das dificuldades e lacunas identificadas, pensar a contribuição da equipe executora o que, muitas vezes, nos coloca diante de dificuldade de duas ordens diversas: primeiro, os tempos de organização e execução: as comunidades são as verdadeiras protagonistas no processo, os tempos empregados nas respostas às nossas questões, nos coloca em dificuldade em relação aos professores que querem ser informados com antecedência sobre o que ocorrerá nas oficinas; segundo, uma postura “passiva” por parte dos professores que, habituados aos cursos de formação onde desempenham o papel de alunos, resistem a entender seu papel de protagonistas nas proposições das atividades a serem em classe pré e pós-oficina.

De modo geral, apesar dos desafios elencados, as atividades realizadas até o momento atenderam, e até superaram, nossas expectativas. A primeira visita de reconhecimento nos colocou diante do quadro geral dos professores do município e nos mostrou as dificuldades que deveríamos superar com relação à imagem – bastante estereotipada - de quilombo construída por muito deles. A segunda atividade com os professores – acantonamento – serviu para os aproximar mais das comunidades e a se envolverem mais com o projeto. A terceira atividade, envolvendo os estudantes, superou nossas expectativas tanto do ponto de vista da total autonomia com a qual as comunidades organizaram sua preparação e execução, quanto em relação ao envolvimento entusiasmado dos estudantes e dos professores. Muito ainda há que ser construído. Os resultados até aqui obtidos nos confirmaram a escolha feita em relação às estratégias metodológicas e nos estimularam a seguir em frente por essa estrada. É sobre o que já trilhamos, e o que ainda iremos trilhar, que iremos debater no presente trabalho.

## **2.9 Seminário “Comunidades Quilombolas do Vale do Ribeira: olhares da USP em diálogo”**

O Seminário foi organizado no interior do estágio pós-doutoral da então minha supervisionada Profa. Dra. Laura de Biase com o objetivo de reunir os pesquisadores da USP que realizaram suas pesquisas a partir das comunidades quilombolas no Vale do Ribeira, com destaque para aquelas com as quais o projeto trabalha, para construção de uma visão mais ampla sobre o tema. Assim, sua atividade integrou as atividades do projeto em andamento.

Foram realizadas três mesas com as temáticas mais pesquisadas e temas que dialogavam diretamente com nosso projeto, a saber, uma sobre “Conflitos fundiários/conservação da natureza”, uma sobre “Território Quilombola” e uma sobre “Educação Escolar Quilombola” que contou

---

<sup>12</sup> As séries a serem envolvidas em cada uma das oficinas ainda a serem realizadas devem ainda ser definidas.

com experiências sobre o tema e finalizou com a apresentação de nosso projeto. Foi um dia de debates bastante rico e produtivo, que contou com a participação de vários interessados da comunidade USP e externa. O folder divulgativo do seminário encontra-se abaixo:



## COMUNIDADES QUILOMBOLAS DO VALE DO RIBEIRA: olhares da USP em diálogo...

**29/03**  
sexta-feira

**9h RECEPÇÃO**  
**ABERTURA**

**Local:** Departamento de Geografia FFLCH/USP  
Anfiteatro Milton Santos

**Nilce de Pontes Pereira dos Santos:** representante nacional da CONAQ, quilombola da comunidade Ribeirão Grande.

**10h CONFLITOS FUNDIÁRIOS/CONSERVAÇÃO DA NATUREZA**

- **Msc. Ocimar J. B. Bim:** pesquisador do Instituto Florestal-SP
- **Dra. Carina I. Bernini:** professora da Faculdade de Educação e Ciências Humanas/FAED da Universidade do Estado de Santa Catarina/UEDESC
- **Msc. Mara Gazzoli Duarte:** geógrafa do INCRA

**14h O TERRITÓRIO QUILOMBOLA**

- **Dra. Laura De Biase:** pós-doutoranda Geografia Humana FFLCH/USP
- **Dra. Gabriela S. M. Paes:** analista de Desenvolvimento Agrário com Ênfase em Comunidades Remanescentes de Quilombo - ITESP

**15:30h PAUSA PARA O CAFÉ**

**16h EDUCAÇÃO ESCOLAR QUILOMBOLA**

- **Dra Valéria de Marcos:** professora vice-chefe do DGH e coord. do projeto “Saberes em diálogo: comunidade, escola e universidade na construção da educação quilombola em Barra do Turvo-SP”
- **Dra. Lisângela Kati do Nascimento:** pós-doutoranda PROCAM/USP
- **Mariana Renó Faria:** geógrafa



**Apoio:**



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA HUMANA/FFLCH/USP

**DG**  
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA

## 2.10 Avaliação dos resultados alcançados em 2019 com professores da rede municipal

Com o intuito de apresentar as atividades realizadas pelo projeto em seu conjunto, ouvir as experiências dos professores e planejar as atividades do ano seguinte realizamos uma avaliação juntamente com os professores em ATPC Coletivo ocorrida em novembro de 2019. Como equipe o projeto foi representado pelas Profas. Dras. Valeria de Marcos e Fernanda Padovesi Fonseca e pela Mestre Yracê Morena Boregas Rego.

Iniciamos as atividades fazendo um breve relato da concepção do projeto, de suas etapas, ilustramos todas as oficinas com fotos, apresentamos o site institucional em construção e o que estávamos planejando para a próxima etapa. Na sequência abrimos as palavras aos professores para que fizessem sua avaliação das atividades, falassem sobre o eventual aproveitamento das oficinas em sala de aula e indicassem possíveis pontos a ser melhorados.

No geral os professores avaliaram as oficinas de modo muito positivo, com algumas exceções onde sentiram falta de mais “organização/planejamento”, pois ao discutirem coletivamente o que tinham feito nas oficinas compararam-nas entre si e verificaram que algumas tinham tido mais conteúdos do que outras. Por outro lado, constataram que todas, sem exceção, tinham sido muito bem recebidas entre os estudantes, que se sentiram muito entusiasmados com a ida às comunidades e, por iniciativa própria, fizeram as correlações com os conteúdos didáticos. Uma delas inclusive relatou que a ida à comunidade havia contribuído para o combate a um

## Projeto Saberes em Diálogo Relatório Final Completo

episódio de racismo durante uma aula. Poucos professores haviam trabalhado diretamente os conteúdos em sala de aula. Os que o fizeram indicaram terem trabalhado a oficina de culinária com português e matemática. A professora que havia realizado um belo trabalho sobre a agricultura quilombola não participou da reunião para poder relatar sua experiência. Alguns reagiram na defensiva dizendo que nós não havíamos instruído o que deveria ser feito. Houve crítica sobre o aviso das atividades “em cima da hora” mas a Diretora do Fundamental I assumiu a responsabilidade pois o calendário havia sido previamente acordado com ela. Também houve o pedido que as oficinas fossem mais “homogêneas” e que nós da equipe estivéssemos mais presentes durante o ano seguinte.

Reconhecemos a crítica à organização das oficinas e explicamos que deixamos que as comunidades definissem livremente seus conteúdos pois era essa a proposta do projeto, mas tínhamos conhecimento das diferenças de conteúdos pois havíamos discutido sobre elas e que iríamos conversar para que nas próximas elas buscassem ter um formato mais próximo uma das outras. Justificamos a timidez dos membros das comunidades ao ensinarem os professores dos seus filhos, recordando como nos sentimos quando estamos “sob exame”. Sobre a não realização das atividades informamos que estava tudo certo, pois era um piloto. A pergunta era para saber se haviam visto possibilidades de trabalho. Informamos que no ano seguinte as atividades seriam construídas coletivamente e registradas para a confecção de um guia didático de atividades.

Ao término da reunião o tom estava bastante amistoso e concluímos a atividade com a expectativa de que poderíamos fazer um bom trabalho no ano seguinte. Infelizmente a pandemia nos obrigou a mudar a programação das atividades, como será descrito no item abaixo.

### **2.11 Planejamento e reprogramação das atividades devido à pandemia Covid-19**

Iniciamos o ano de 2020 avaliando o material didático e pensando na forma como iríamos conduzir as atividades de formação dos professores para acompanhar as oficinas. Estava prevista nossa participação no planejamento escolar que tinha sido inicialmente marcado para o fim de fevereiro. Quando estávamos nos organizando para a ida ao município fomos comunicados de que o mesmo havia sido adiado para abril e, com o início do período de isolamento social, deixou de ser realizado.

No primeiro mês de isolamento suspendemos as atividades pois esperávamos que a situação se normalizasse rapidamente. A demanda de adequação às atividades remotas, os vários cursos que a Universidade nos oferecia para aprendizado de novas ferramentas digitais e metodologias de ensino, as próprias dinâmicas do dia-a-dia do Departamento de Geografia no qual sou vice-chefe, marcadas por reuniões frequentes com professores, estudantes, funcionários, Direção da Faculdade para pensar num plano de continuidade tomou nosso tempo. Quando a situação se estabilizou e entendemos que estávamos em um período atípico passamos a marcar reuniões onlines e a repensar o projeto.

O primeiro passo foi buscar contato com a coordenação em Barra do Turvo para entendermos como as atividades estavam prosseguindo. Depois de um tempo sem notícias ficamos sabendo que eles haviam abandonado as apostilas e passado a adotar os livros didáticos e que as orientações estavam sendo dadas de forma remota. Solicitamos as referências do material mas tivemos que esperar um tempo. Quando conseguimos, a coordenadora nos passou uma chave de

## Projeto Saberes em Diálogo Relatório Final Completo

acesso para podermos acessar os livros online, o que exigiu um tempo maior de análise do material. Fizemos uma análise por ano e área do conhecimento, construindo uma tabela que indicava o conteúdo, as habilidades da BNCC e as possibilidades de articulação com os conteúdos, o que nos permitiu verificar as possibilidades de inter e transdisciplinaridade.

Também retomamos nosso grupo de estudos discutindo trabalhos de experiências semelhantes de educação quilombola. Um dos que mais nos mobilizou foi a dissertação de mestrado de Givânia Maria da Silva intitulada “Educação como processo de luta política: a experiência de “educação diferenciada” do Território Quilombola de Conceição das Crioulas, um relato sensível do processo de construção da educação escolar quilombola feito por alguém de dentro da comunidade que acessou a universidade para refletir sobre sua história e prática. Identificamos vários pontos em comum, embora a experiência que estamos realizando seja diversa por não ser uma escola quilombola. Mas a filosofia que norteia o projeto, as práticas e reflexões possuem muita semelhança e muito contribuíram para pensarmos a continuidade do projeto.

Em agosto de 2020 a PRG convocou uma reunião com os coordenadores de projetos para falar sobre a finalização do Edital 01/2018 e a expectativa de continuidade com o Edital 02/2020. Na ocasião nos manifestamos sobre o desejo de ampliarmos a área e incorporarmos ciências e artes e recebemos o contato do Prof. Mikiya Muramatsu, quem contatamos na sequência. O professor não só aceitou o convite de integrar a equipe como nos propôs uma parceria com o projeto “Arte e Ciência” por ele coordenado, permitindo assim a incorporação de toda a equipe. A partir de então temos professores de Física, Química e Biologia da USP envolvidos no projeto e estamos nos organizando para buscarmos alguém das Artes para completar a equipe.

Desde então temos realizado reuniões semanais para pensarmos a incorporação dessa nova área e planejarmos um curso de formação dos professores, a ser realizado de forma remota, com 60h de duração, para preparar os professores para a etapa 2021 quando planejamos retornar às atividades as oficinas assim que as condições de segurança puderem ser verificadas.

Reiniciamos também o grupo de estudos quinzenal, às quartas-feiras, com parte da equipe pois não conseguimos um horário comum a todos para além da segunda, para retomarmos a leitura de materiais que são base para os novos integrantes. Estamos neste momento avaliando o currículo paulista para pensarmos nas pontes possíveis com o conteúdo programático do currículo, do material didático e das oficinas.

No dia de hoje, 26 de outubro, realizamos uma reunião com duas professoras da Rede Municipal de Ensino de Osasco – Erica Lunardi e Marcia Dalbello, ambas do Fundamental I, para ouvirmos a experiência de sala de aula, os desafios e possibilidades práticas para orientarmos nossas proposições. Foi uma experiência muito rica e inspiradora que certamente contribuirá com nossas reflexões. Ficou também o convite para pensarmos algum tipo de atividade integrada entre o projeto e as salas de aula da escola onde ambas lecionam, de forma aberta e voluntária.

### **2.12 Planejamento do curso de formação continuada**

No presente momento estamos nos debruçando sobre a proposição do curso, que será apresentada em reunião no dia 08 de novembro p.f. Por ora, pensamos em organizar um bloco sobre a Lei 10639/03 que dispõe sobre o ensino de História da África e dos Afrodescendentes e articulá-la a uma discussão sobre o racismo estrutural presente no nosso cotidiano. Um segundo

## Projeto Saberes em Diálogo Relatório Final Completo

bloco irá versar sobre a Resolução CNE/CEB No 8 de 20 de novembro de 2012 que define as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola. Um terceiro bloco irá versar sobre a questão quilombola no Brasil, abordando sobre o direito reconhecido na Constituição Federal de 1988 a partir da luta do Movimento Negro, os procedimentos para o autorreconhecimento, uma discussão sobre o que são as comunidades quilombolas hoje até chegarmos às comunidades de Barra do Turvo com as quais trabalhamos. A ideia a este ponto é que sejam os próprios membros das comunidades a falar sobre o tema. Por fim, iremos trabalhar com as oficinas temáticas, buscando construir com os professores as articulações com os conteúdos previstos, adaptando-os para a discussão sobre os saberes quilombolas

Em 2021 a ideia é também continuar o curso com atividades de suporte aos professores pré- e pós oficina, para acompanhá-los nos trabalhos orientando-os ao registro das atividades de modo a produzirmos coletivamente um guia didático das atividades realizadas como memória do projeto e guia a ser seguido nos anos seguintes. A previsão de início do curso é novembro 2020. As 60h serão distribuídas entre os anos de 2020/2021

### **2.12 Submissão do projeto ao Edital 02/2020**

Realizamos a submissão do projeto no início de outubro com o objetivo de dar sequência às atividades realizadas pelo projeto até agora e buscar consolidar a construção da educação escolar quilombola no município de Barra do Turvo. O detalhamento da proposta pode ser visto no projeto submetido.

### **2.13 Avaliação dos Resultados Alcançados**

Ao longo desses quase dois anos de atividade avaliamos que conseguimos avançar na direção da construção de um projeto participativo, coletivo, compartilhado. O percurso foi difícil no início, e parecia que não iríamos conseguir avançar na velocidade desejada. Quatro são os pontos que merecem ser destacados quanto às dificuldades enfrentadas ao longo do tempo: 1. institucional; 2. com os professores da rede; 3. com as comunidades quilombolas; 4. com os estudantes do ensino fundamental I.

Do ponto de vista **institucional**, merece ser destacada a dificuldade de acesso a transporte para realização das atividades. Por mais de uma vez tivemos que cancelar atividade por falta de transporte, o que termina por nos desacreditar entre professores e membros das comunidades. O recurso aprovado não é muito e, ao consultar o setor de Contabilidade da FFLCH sobre seu uso, fui informada de que não posso usá-lo para custear despesas de transporte com veículo próprio. Isso nos obrigou a contatar o pool da universidade para conseguir transporte, mas isso também teve seus problemas pois por duas ou três vezes seguidas a solicitação foi negada. Em duas delas a princípio haveria o transporte e depois, o transporte foi cancelado em cima da hora. Na primeira vez nos foi dito que havíamos solicitado com pouca antecedência. Fechamos novo calendário e foi enviado com antecedência, mas a resposta demorou a chegar e foi novamente negativa. Fomos procurar a Direção da FFLCH que nos ofereceu como alternativa o uso dos transportes destinados a trabalho de campo. Aqui também uma solução que não queremos mais utilizar: o custo pago pelo DG foi desproporcional ao real gasto com o transporte (nos foi cobrado R\$3.500,00), o motorista indicado não tinha habilidade no trato com a equipe e o pior,

Projeto Saberes em Diálogo  
Relatório Final Completo

não colocou combustível para o retorno, deixando-nos parado no meio da Regis Bittencourt às 22h00. Passamos momentos de muitas dificuldades, chamamos guincho, fomos levados para um posto próximo e fui eu que tive que pagar R\$ 50,00 para um primeiro abastecimento, sem nunca ter sido reembolsada. O motorista era totalmente inábil do ponto de vista do funcionamento do motor, a bateria descarregou e por volta das 2h00, depois de insistirmos para falar com o dono da empresa, fomos levados a um hotel na região (Juquiá). O dono disse que mandaria outro motorista e carro, mas no dia seguinte voltamos com o mesmo ônibus e motorista, que havia passado a noite em claro, colocando em risco nossa viagem. Essa opção não será mais utilizada.

Tive que ir duas vezes com meu carro, utilizando recursos de diária para arcar com os custos de transporte e alimentação, mas também isso tem seus limites pois os recursos são limitados e precisam ser distribuídos entre os diferentes professores e, realizar uma oficina que requer atenção e depois pegar 6h de viagem numa rodovia repleta de caminhões, boa parte dela à noite, não é algo que deva ser feito por um professor, e foi o que fiz por mais de uma vez. Isso também limita muito a possibilidade de realização da oficina a contento pois limita o número de participantes já que os demais professores da equipe não se dispõem a colocar seus carros à disposição (em fevereiro uma outra professora fez isso, mas quando descobrimos que não podíamos usar o recurso para custear combustível e transporte, e ficamos no prejuízo, ficamos sem essa possibilidade). Ultimamente consegui o veículo do IGC mas consultei a PRG sobre o uso dos recursos para pagamento de diárias e combustível para o motorista, sem resposta até o momento. Como coordenadora, mas trazendo uma avaliação feita pela equipe, entendo que um maior envolvimento institucional para dar as condições materiais para que o projeto se efetive seja de fundamental importância para que a consolidação das atividades possa se dar sem prejuízo.

Do ponto de vista dos **professores da rede pública**, encontramos uma certa resistência e hostilidade com relação à temática do projeto. Na primeira atividade feita em ATPC coletivo, muitos insistiam em dizer que “já faziam” e tinham uma postura bastante reticente em relação ao projeto que parecia ser “mais trabalho”. Na visita de reconhecimento, ocorrida em fevereiro, houve vários momentos de tensão entre professores e equipes: comentários maldosos sobre ir na área dos que “roubaram terras”; abandono da atividade na metade, quando uma das professoras do ensino infantil ligou para seu marido para ir busca-la e levou outras quatro e as demais foram embora com o ônibus escolar; durante a roda de conversa para avaliação da atividade, várias acusações que demonstravam bastante preconceito sobre o que significava “ser quilombola”, comparação com outras comunidades de Eldorado dizendo que eram “mais evoluídos”, nos obrigaram a intervir com muito tato para proteger a comunidade. Além disso, durante a realização das oficinas, uma postura bastante hostil, exigindo que “a USP” ensinasse o que era quilombo; crítica em relação à forma como algumas oficinas, conduzidas por pessoas mais velhas e tímidas, foi feita, ou então uma postura bastante passiva por parte de alguns professores que ficavam de “expectadores”, deixando que os membros da equipe e das comunidades tomassem a dianteira e conduzissem toda a atividade.

Além disso houve uma certa resistência por parte da coordenação das escolas de ensino fundamental I que dificultou o que pode até que conseguíssemos realizar a primeira oficina. Apenas diante desse resultado foi que ela deixou de opor resistência às atividades. A Secretária de Educação do Município delegou o acompanhamento à coordenação das escolas de



## Projeto Saberes em Diálogo Relatório Final Completo

fundamental I e à diretoria de ensino, mas entre essas duas não havia bom entendimento e ficamos apagando incêndio na maior parte das vezes. A realização das oficinas com grande entusiasmo por parte dos estudantes acabou “desarmando” a resistência dos professores. A avaliação final, como dito acima, foi no geral positiva e esperamos avançar na próxima etapa.

No que diz respeito às **comunidades**, a maior dificuldade no início foi envolver a comunidade no processo de construção das oficinas. Habitados a receber projetos de pesquisa, onde o pesquisador chega, faz algumas perguntas e no geral vai embora, ou projetos que chegam de cima para baixo, ensinando algo novo nem sempre respeitando os ritmos e anseios do grupo, não foi tarefa fácil entender que esse projeto trazia algo novo, a necessidade de uma participação ativa sua na construção. Ainda hoje estamos buscando melhorar, refletindo sobre onde já avançamos e onde precisamos ainda avançar. No início do ano definimos em conjunto, no tempo das comunidades, as oficinas que seriam realizadas. Em nossa cabeça, uma vez definida com a participação dos mesmos, ela estaria clara e seria seguida por todos. Mas não foi o que aconteceu. Criamos um grupo whats app para nos comunicarmos mais rapidamente com representantes das comunidades que deveriam depois divulgar os combinados nas reuniões de associações e articular a realização das mesmas. Mas isso não foi alcançado. Primeiro verificamos que mandávamos textos longos que não eram lidos. Passamos então a mandar áudios que também não eram respondidos. Mandamos a mensagem, esperamos um tempo e na sequência passamos a cobrar os membros no privado, muitas vezes mesmo assim sem resposta.

No mês de agosto foi feita uma conversa bastante dura durante a realização da reunião da RDS sobre a necessidade de maior comprometimento e envolvimento de todos. Havíamos chegado na véspera da oficina com duas comunidades cancelando atividade no último minuto, sem justificativa, o que causa uma imagem muito ruim com professores e escolas, sobrecarrega as comunidades que mantêm as atividades e torna nossa posição difícil com o grupo de professores. Depois dessa conversa recebemos novos integrantes no grupo das comunidades, telefones de pessoas mais velhas sem whats app mas que se dispuseram a ser contatadas. Combinamos um maior envolvimento de todos, falamos sobre a necessidade de ampliarmos o número de pessoas envolvidas nas atividades para que o projeto não pese sobre ninguém e sobre a importância de que eles possam conversar com as pessoas pois nosso alcance ainda é restrito aos mesmos que comparecem nas reuniões. As oficinas seguintes tiveram maior envolvimento por parte dos membros das comunidades, mas ainda assim ainda podemos fazer melhor. Precisamos saber com antecedência o que vai ser feito para avisar os professores, de modo a que possam trabalhar temas afins durante as aulas, mas essas informações nunca chegam. Precisamos combinar oficinas mais “parecidas”, pois as críticas dos professores quanto à desigualdade as oficinas não é indevida. Mesmo quando achamos que está tudo claro, no último momento aparece algo novo. Essa compreensão do papel ativo que devem assumir na condução do processo ainda precisa ser fortalecida com as comunidades, e cabe a eles trazer mais pessoas para as atividades.

Além disso, a cada oficina temos que iniciar um novo processo de contato e tratativas, mandamos mensagens que não são respondidas, ligamos e nem sempre conseguimos falar, o que nos faz muitas vezes partir sem ter muita certeza de o que iremos encontrar. Por outro lado, a cada oficina temos visto crescer o envolvimento e apropriação da comunidade em relação às mesmas. Nosso papel como equipe tem sempre sido sobretudo o de mediar, deixando a

Projeto Saberes em Diálogo  
Relatório Final Completo

condução das atividades por conta das comunidades. Tem sido um profundo exercício aquele de não controlar o que irá acontecer, iniciar uma oficina sem saber o que irá ocorrer. Por outro lado, é o que tem feito mais sentido, e é o que de fato faz a diferença no projeto, em relação a outros onde o conhecimento já chega pronto, da universidade, de cima para baixo. Eles, a cada oficina, mostram o que fazem, como vivem, como são, e conquistam pela simplicidade, riqueza e autenticidade de um modo de conceber e produzir a vida bastante diverso do nosso. Seguimos na construção coletiva, entendendo que ela é o melhor caminho para fazer com que a educação quilombola seja algo deles e permaneça no tempo, mesmo com nossa saída do território. Temos a compreensão de que o respeito ao tempo deles é de fundamental importância e esperamos que a universidade também compreenda.

Do ponto de vista dos **estudantes de ensino fundamental I**, o êxito das atividades fica nítido a cada oficina realizada. Inicialmente, a necessidade de concentrar os esforços no ensino fundamental I nos assustou tanto quanto nos estimulou. Nossa formação sempre esteve muito mais voltada para o ensino fundamental II e médio (exceção feita à Matemática e Língua Portuguesa), sendo o conhecimento de Geografia e História proporcionado nos cursos de Pedagogia. O desafio era o de construir com os estudantes, professores e comunidades um conhecimento que fizesse sentido. E isso tem ficado nítido a cada oficina realizada.

Muitos são os atrativos que fazem disso uma estratégia de sucesso: 1. Sair da sala de aula e aprender de outro jeito; 2. Aprender a partir de outros formatos de linguagem e estratégias didáticas; 3. Reconhecer-se em ambiente semelhante (ou no próprio) e sentir-se valorizado e em condições com conhecimento de causa sobre determinado tema; 4. Aprender na prática e fixar o conteúdo de forma muito mais rápida; 5. Conhecer as comunidades e desconstruir falas de preconceito, fazendo um contraponto ao discurso que normalmente se difunde com relação às comunidades quilombolas, a partir do que nós mesmos ouvimos no dia da visita de reconhecimento por parte de professores da rede municipal.

Um dos exemplos mais palpáveis que pude vivenciar (e aqui falo em primeira pessoa), foi a “aula” dada por dois alunos do 4º ano sobre a produção de rapadura (que haviam visto na Oficina de Culinária). Os alunos associaram a moenda e o tacho para preparo do açúcar ao que haviam visto antes e ao falarem que já tinham visto fazer rapadura pedi-lhes que me contassem como era porque eu nunca tinha visto (o que era verdade). Eles explicaram com uma riqueza de detalhes que somente o aprendizado in loco é capaz de propiciar. O mesmo pode ser visto ao discutirmos a coivara, e um dos alunos pedir a palavra para falar do problema de usar o fogo em dias muito quentes, relatando o caso ocorrido em sua casa onde o fogo da palhada da cana recomeçou apesar de não ninguém tê-lo acendido, por que a brasa ainda estava viva e o calor intenso a havia reacendido. A sua professora, durante o lanche, veio falar comigo que tinha notado esses dois alunos, em especial o que falou sobre a queima da cana, que durante a sala de aula quase não se pronuncia, por ter inclusive problema com a fala, mas que ali havia se sentido bastante à vontade para expressar seus conhecimentos. Disse que, havia observado que os alunos que mais se manifestavam em campo eram os que menos se pronunciavam em sala de aula e vice-versa, e que agora era capaz de avaliar seus alunos com outros instrumentos.

Como equipe, temos avaliado que a interação dos membros das comunidades com as crianças tem sido muito positiva. Mesmo quando os professores criticam o fato de algumas oficinas não saírem tão bem quanto outras (ouvimos essa crítica da coordenadora das escolas de ensino

fundamental da última vez que estivemos ali), a apropriação do conhecimento por parte das crianças e a interação com os membros das comunidades tem sido algo que tem nos incentivado a manter a aposta na espontaneidade, em que pese nossa necessidade de planejar a atividade.

#### **2.14 Avaliação sobre os pontos que precisam ser melhorados e estratégias para o próximo período**

Ao longo desses quase dois anos de projeto muitas conquistas foram realizadas e consideramos que agora o projeto esteja avançando a passos mais sólidos. Ainda precisamos e podemos melhorar nos seguintes pontos:

1. do ponto de vista institucional, conseguir o apoio necessário para a realização das atividades, em especial no que se refere ao transporte. Desmarcar em cima da hora é muito ruim pois acaba nos retirando a credibilidade.
2. do ponto de vista do diálogo com a gestão das escolas, chegar a uma comunicação mais franca e com o envolvimento maior da Secretaria Municipal de Educação. Já avançamos bastante, mas às vezes algumas coisas são ditas em entrelinhas o que dificulta avançar.
3. do ponto de vista das comunidades, melhorar a comunicação e encontrar meios para que tenhamos respostas às perguntas que fazemos. É preciso que um mínimo de indicação sobre o que irá ocorrer seja dito para que possamos comunicar aos professores, de modo a que eles possam também se preparar e trabalhar os temas com os alunos em sala de aula.
4. do ponto de vista dos professores, estabelecer maior contato de modo a entender melhor as dificuldades apresentadas para que possamos pensar na formação a ser fornecida (o que está previsto para a próxima etapa).
5. do ponto de vista da equipe, consolidá-la com o ingresso de professor da área de Artes. Temos sido, no geral, um por oficina, o que dificulta o registro das atividades. Houve caso, inclusive, em que éramos menos do que o número de oficinas sendo realizadas. Na ocasião pudemos contar com o apoio de uma liderança que conduziu sozinha a atividade, mas isso também tem seus problemas pois não temos registro do que ocorreu ali.

Na próxima etapa iremos realizar um curso de formação continuada acima indicado; participar do planejamento para inserir as oficinas no calendário escolar; replicar as oficinas com algumas adaptações; realizar acompanhamento pré e pós oficinas para consolidar o trabalho dos conteúdos articulados com as oficinas; registrar as atividades para produzir um guia didático; realizar uma Mostra Quilombola no Município ao término do projeto; realizar um Seminário na USP.

São Paulo, 26 de outubro de 2020



Profa. Dra. Valeria de Marcos

Coordenadora do Projeto Saberes em Diálogo